



Adelaide Maria Jacinto
Alves

Escola - um espaço a encontrar

Projecto de intervenção no espaço escolar

Mestrado em Ensino de Educação Visual e
Tecnológica no Ensino Básico

Relatório de Estágio
Versão Definitiva

Abril de 2011

Dedico este trabalho à minha filha e ao meu marido

Orientadora

Professora Doutora Maria Isabel de Chagas Henriques de Jesus

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração, empenho e dedicação dos alunos que colaboraram e executaram o projecto permitindo levar a cabo este estudo.

À professora, nosso par pedagógico, Célia Cameira Santos pela colaboração, profissionalismo e empenho, na execução do projecto desenvolvido com os alunos.

Aos colegas e respectivos alunos das suas direcções de turma, pela forma com que se prontificaram a responder ao inquérito, permitindo que pudéssemos reunir dados para o nosso estudo.

À dona Luísa e à dona Zézinha pela disponibilidade.

À Directora do Agrupamento El-Rei D. Manuel I, pela autorização que possibilitou a realização deste estudo em contexto escolar.

Aos meus colegas e professores de mestrado pelos ensinamentos e partilha.

À minha orientadora pela mestria com que me conduziu neste trabalho.

À Paula Caetano pela amizade e companheirismo.

Um obrigado muito especial à Rosa Lourenço pela incontornável ajuda nesta nossa tarefa.

À minha família por permitirem ter chegado aqui.

Resumo

O trabalho que agora apresentamos insere-se no estudo da problemática da apropriação e preservação do espaço escolar.

O objecto de estudo a disciplina de Educação Visual e Tecnológica, enquanto promotora de uma relação que potencie a intervenção dos alunos nesse mesmo espaço, servindo como agente para a sua apropriação e preservação.

Tendo como opção metodológica a investigação-acção, pretende-se perceber se existiu uma alteração no comportamento e no relacionamento dos alunos com o espaço escolar, após a intervenção proporcionada pela disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Neste contexto procurou-se: i) identificar a importância que tem para os alunos a participação em projectos de intervenção no espaço escolar; ii) contribuir para que os alunos preservem esse mesmo espaço.

Provindo do trabalho pedagógico “Escola, um espaço a encontrar”, cujo teor se centra numa intervenção estética no átrio do bloco B, da escola sede, do Agrupamento de Escolas El-Rei D. Manuel I em Alcochete, encetada por uma turma de 6º ano, pretendeu-se: i) contribuir para que os alunos respeitem os espaços escolares; ii) contribuir para que os alunos preservem o trabalho dos colegas.

Os resultados deste estudo apontam para a importância que os alunos põem na tónica da proximidade que sentiram com o espaço escolar através desta actividade, denotando-se uma maior tendência para a preservação do mesmo.

Partindo da análise dos resultados apresentam-se as conclusões do estudo, limitações e implicações educativas, perspectivando-se novos caminhos de investigação.

Palavras-chave: Educação Visual e Tecnológica, espaço, apropriação do espaço escolar, preservação do espaço escolar

Abstract

The work that now falls within the present study the question of ownership and maintenance of the school.

The object of study the discipline of Visual and Technological Education, as a promoter of a relationship that enhances the involvement of students in that space, serving as agent for the ownership and preservation.

Having as a methodological option action research, we intend to see if there was a change in behavior and students' relationship with the school after the intervention provided by the discipline of Visual and Technological Education. In this context we sought to: i) identify the importance for students to participate in projects of intervention in the school, ii) help students to preserve this space.

Coming from the pedagogical work "School, a place to find" content, which focuses on aesthetic intervention in the lobby of Block B, the school's headquarters, the Group of Schools King D. Manuel I in Alcochete, initiated by a group of 6th year, aimed to: i) to help students meet the school premises, ii) help students to preserve the work of others.

The results of this study indicate the importance that students put emphasis on the closeness they felt with the school through this activity, indicating a greater tendency to preserve the same.

Based on the analysis of the results we present the findings, limitations and implications for education, looking ahead to new avenues of research.

Keywords: Visual and Technological Education, space, ownership of school space, preservation of school space

Índice Geral

Dedicatória	II
Orientadora.....	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract	VI
Índice geral.....	VII
Índice de imagens	X
Índice de gráficos	XII
Índice de apêndices	XII
Pergunta de partida.....	1
Introdução	2
Primeira Parte	4
1º Capítulo.....	4
Enquadramento teórico.....	5
Educação Visual e Tecnológica.....	6
Programa de Educação Visual e Tecnológica Volumes I e II	7
Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais.....	9
Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas El-Rei D. Manuel I.....	11
O espaço	12
Apropriação do espaço escolar	14

2º Capítulo.....	16
Metodologia.....	17
Opções metodológicas	17
Descrição do Projecto de Investigação	20
Instrumentos de recolha de dados	21
Análise documental	21
Inquérito por questionário.....	21
Notas de campo	23
Fotografia	23
Documentos produzidos pelos alunos	24
Contexto da investigação e participantes.....	25
Descrição do processo de análise de dados.....	29
Segunda Parte.....	31
3º Capítulo.....	31
Projecto de intervenção.....	32
Recolha e análise de dados	44
Dados dos inquéritos por questionário	45
Turma	45
Utilizadores	49
Observação directa	53
Terceira parte.....	56
4º Capítulo.....	56
Apresentação e discussão dos resultados.....	57

Resultados da intervenção	57
Objectivos da investigação	60
Pergunta de partida	61
Conclusões	62
Bibliografia / Web bibliografia	66
Apêndices	70

Índice de Imagens

Imagem 1 – Estudo da figura da casa de banho das raparigas	33
Imagem 2 – Estudo da figura da casa de banho dos rapazes	33
Imagem 3 – Estudo para a parede das casas de banho	34
Imagem 4 – Estudo para o relógio	35
Imagem 5 – Estudo do corredor	36
Imagem 6 – Estudo da parede dos cacifos	36
Imagem 7 – Decalque da imagem para papel vegetal	37
Imagem 8 – Limpeza do átrio do bloco B no final da aula	38
Imagem 9 – Pintura da parede das casas de banho	38
Imagem 10 – Pintura dos cacifos	39
Imagem 11 – Parede da entrada e da casa de banho das raparigas	40
Imagem 12 – Parede das casas de banho	40
Imagem 13 – Parede das casas de banho e da sala B2	41
Imagem 14 – Frase na parede da casa de banho	41
Imagem 15 – Corredor	42
Imagem 16 – Corredor	42
Imagem 17 – Parede dos cacifos	43
Imagem 18 – Parede dos cacifos	43
Imagem 19 – Alunos na sala	57

Imagem 20 – Figura da casa de banho dos rapazes esborratada 58

Imagem 21 – Pintura do corredor 59

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Atitudes dos alunos face ao espaço escolar (Turma)	46
Gráfico 2 – O porquê de ser relevante a opinião e a participação dos alunos face aos melhoramentos no espaço escolar (Turma)	46
Gráfico 3 – Porque gostariam de participar num projecto de decoração do átrio do bloco B (turma)	47
Gráfico 4 – Perspectiva face ao bloco B, antes e depois da intervenção (turma).....	48
Gráfico 5 – Que intervenção no átrio do bloco B (turma).....	48
Gráfico 6 – Idade dos inquiridos (utilizadores)	49
Gráfico 7 - Porquê da importância de os alunos terem um papel activo na valorização estética do espaço escolar (utilizadores).....	51
Gráfico 8 – Perspectiva face ao bloco B, antes e depois da intervenção (utilizadores)	52
Gráfico 9 – Que intervenção fazer no átrio do bloco B (utilizadores).....	52

Índice de apêndices

Carta à Directora (Apêndice A)	71
Planificação	73
Grelha de Avaliação	77
Inquérito por Questionário	80
Autorização dos Encarregados de Educação – Utilizadores (Apêndice B)	81
Autorização dos Encarregados de Educação – Turma (Apêndice C)	83
Turma – 1º Inquérito por Questionário (Apêndice D)	85
Turma – 2º Inquérito por Questionário (Apêndice E)	88
Utilizadores -1º Inquérito por Questionário (Apêndice F)	91
Utilizadores -2º Inquérito por Questionário (Apêndice F)	95
Ficha de organização de tarefas – Turma (Apêndice H)	99
Grelhas de reflexão – Turma (Apêndice I)	101



Pergunta de Partida:

Como é que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode levar os alunos a intervir no espaço escolar, de modo a que estes se apropriem do mesmo e o preservem?

Introdução

Na nossa prática pedagógica temos desenvolvido alguns projectos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica no sentido de criar espaços escolares com os quais os alunos se identifiquem. Projectos esses que visaram a manutenção e a valorização de espaços físicos da escola, partindo de problemas / situações sentidas pelos alunos e para as quais se pensaram soluções.

Assim este estudo, "Escola, um espaço a encontrar", traduziu-se num projecto de intervenção no espaço escolar, com o intuito de o valorizar. Este surge pela necessidade de conhecer a importância que os alunos lhe atribuem, se estes projectos potenciam uma relação de apropriação, conduzindo à preservação do espaço intervencionado. Por outro lado, na escola onde realizamos o nosso projecto existe a ideia de que "os miúdos estragam tudo", podendo esta agir como um activador negativo no diálogo alunos e espaço escolar.

Este é um espaço em constante mudança, é também o lugar onde grande parte do nosso dia, e do dos nossos alunos é passado. Por isso, entendemos ser relevante dedicar tempo e reflexão a este assunto, para que se possam realizar mudanças, no sentido de criar condições que potenciem uma melhoria nas relações dos actores com o espaço utilizado.

Daí advém a nossa pergunta de partida: *Como é que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode levar os alunos a intervir no espaço escolar, de modo a que estes se apropriem do mesmo e o preservem?*

A investigação foi realizada em ambiente escolar, em contexto de prática pedagógica, usando-se, por isso, uma metodologia de investigação - acção.

O presente estudo fundamenta-se na necessidade sentida pela docente em aferir a importância que tem para os alunos, a sua participação em projectos que os envolvam com o espaço escolar, e por outro, contribuir para que os estes preservem esses mesmos espaços.

Como objectivos da investigação, pretendemos compreender se quando os alunos realizam projectos que os envolvam com o espaço escolar, criam uma relação de apropriação com esses mesmos lugares e se esta potencia a sua preservação.

Quanto aos objectivos da intervenção pretende-se contribuir para que os alunos respeitem os espaços escolares e o trabalho dos colegas e para a valorização estética dos espaços escolares.

Este trabalho é apoiado por um quadro teórico que assenta nas competências propostas pela disciplina de Educação Visual e Tecnológica e ainda num quadro conceptual que comporta conceitos como espaço, espaço escolar e relações de preservação e apropriação com esse espaço.

Assim, está organizado em três partes: i) a primeira refere-se ao enquadramento teórico e onde se faz uma revisão da literatura relativamente às questões anteriormente delineadas. Desta parte faz parte integrante a indicação da metodologia adoptada. ii) a segunda parte reporta-se à implementação do projecto e à recolha de dados. iii) apresenta os resultados do estudo, bem como as conclusões.

Primeira parte

1º Capítulo

Enquadramento Teórico

Ao longo deste trabalho procurámos analisar a concepção dos alunos no que se refere ao espaço escolar, tendo em conta o papel da disciplina de Educação Visual e Tecnológica na participação de uma relação positiva com esse espaço.

O nosso estudo focou-se na análise dos seguintes documentos: i) os que regem a disciplina de Educação Visual e Tecnológica (Programa de Educação Visual e Tecnológica, volumes I e II e o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais); ii) o Projecto Educativo da escola onde o nosso estudo foi realizado; iii) literatura onde se abordam os conceitos de espaço, espaço escolar e de apropriação e preservação do mesmo.

Educação Visual e Tecnologia

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica surgiu em 1992, aquando da Reorganização Curricular, por Despacho nº 124/ME/91, de 31 de Julho, publicado em Diário da Republica, 2ª série, nº188, de 17 de Agosto de 1991, embora estivesse já a funcionar em escolas piloto desde 1989.

Esta reorganização teve como ponto de partida o ciclo preparatório do ensino secundário, vulgarmente designado por ciclo preparatório ou ciclo e que veio a corresponder ao actual 2º ciclo. No caso específico da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, esta veio ocupar o lugar das disciplinas anteriormente existentes de Educação Visual e de Trabalhos Manuais.

Esta “nova” disciplina guia-se por dois documentos¹:

- Programa de Educação Visual e Tecnológica, Volume I e II
- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais.

¹ Neste estudo optámos por não mencionar as Metas no Ensino Básico – Educação Visual e Tecnológica por estas ainda se encontrarem em fase experimental.

Programa de Educação Visual e Tecnológica, Volumes I e II

Este documento está dividido em dois volumes, correspondendo o primeiro ao Programa da Disciplina e o segundo à forma como podem ser organizadas as aprendizagens e também algumas sugestões bibliográficas para os alunos e para os professores.

Pode ler-se, no volume I: "Cabe à Educação Visual e Tecnológica promover a exploração integrada de problemas estéticos, científicos e técnicos com vista ao desenvolvimento de competências para a fruição, a criação e a intervenção nos aspectos visuais e tecnológicos do envolvimento." (DGEBS, 1991: 195)

Este excerto do Programa apresenta a ideia de que as competências a desenvolver devem estar direccionadas para a fruição, a criação e a intervenção, estando isto de acordo com a metodologia sugerida para a materialização do programa, ou seja, com o método de resolução de problema, ao qual voltaremos mais à frente. Assim, dever-se-á privilegiar actividades que enquadrem conceitos estéticos, bem como dotar os alunos com a aquisição de conhecimentos científicos, sendo exemplo a cor: cor pigmento e cor luz. A exploração de técnicas que englobem a vertente visual e a tecnológica constituem também um importante objectivo programático.

Pode ler-se ainda que se pretende que exista uma "relação dialéctica indivíduo / sociedade." (DGEBS, 1991: 196) Considerando que o "Indivíduo é um ser social", como referiu Karl Marx (Filho, 1991: 76) é importante que a escola se encontre com o meio, criando relações com o mesmo e com a sociedade. Assim, a dialéctica indivíduo / sociedade é por nós entendida no projecto de investigação como promotora de um diálogo reflexivo entre os alunos e o espaço escolar.

Analisando as finalidades propostas no Programa de Educação Visual e Tecnológica verificamos que o trabalho que realizámos é consistente com as mesmas, no entanto, consideramos que a não definição de conceitos nos restringe. Reis (2007: 27) apoiado num parecer da Associação de Professores de Educação Visual e Tecnológica (APEVT) afirma "as finalidades enunciadas chegam a ser consideradas como inconsistentes, tal como nos dá conta um parecer da APECV: "A lista de finalidades, na prática, é uma lista de capacidades/aptidões a desenvolver. Faz uso de conceitos hoje muito discutidos, como a

percepção, a sensibilidade estética, a criatividade, sem sequer procurar defini-los. Não aponta, no entanto, um perfil de competências do aluno.”

Neste documento são dadas ainda orientações metodológicas da forma como devem ser planeadas as acções a serem desenvolvidas em sala de aula, verificando-se que se dá preferência ao desenvolvimento dos conteúdos.

Pretende-se ainda que se desenvolvam Unidades de Trabalho “em torno de situações - problema detectadas pelos alunos (...) através de um processo solicitador da aquisição dos conteúdos a dominar.” (DGEBS, 1991: 202).

No 2º volume é reforçada a ideia de que não deve haver “uma separação entre as áreas de exploração e os conteúdos do 5º e 6º ano.” (DGEBS, 1991: 6) e que o trabalho deve ser desenvolvido seguindo o método de resolução de problemas, apontando, no entanto, para que haja “uma simplificação do processo” (DGEBS, 1991: 6).

O método de resolução de problemas implica que se siga uma linha orientadora, que deriva de uma situação que poderá ser enunciada pelos alunos ou pelos professores, a partir da qual se formulará um problema. Partindo desse problema far-se-á uma investigação para procurar soluções que levem à resolução do mesmo. Posteriormente, será criado um projecto com as ideias encontradas na etapa anterior e através das quais se pretende dar resposta ao problema inicial. A fase de realização será o momento de execução do projecto anteriormente delineado. Por fim, será feita uma avaliação do mesmo, sendo testada a solução encontrada, verificando-se se esta satisfaz ou não a situação formulada.

Esquematizando:



Fonte: (DGEBS: 1991:11)

Embora o documento acima identificado refira a necessidade de se seguir este método de trabalho, também advoga que o mesmo seja usado de forma mais ou menos livre, de modo a garantir o envolvimento dos alunos no trabalho desenvolvido.

Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais

O documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais foi publicado pelo Ministério da Educação, pelo Departamento do Ensino Básico em 2001. Aqui estão definidas as competências gerais a serem desenvolvidas durante os três ciclos que compõem o ensino básico e, as competências específicas nas áreas de Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Matemática, Estudo do Meio, História, Geografia, Ciências Físicas e Naturais, Educação Artística, Educação Tecnológica e Educação Física.

Numa primeira parte são definidas dez competências comuns a todas as disciplinas, ou áreas de estudo, e que deverão ser adquiridas pelos alunos até ao final do 3º ciclo.

Numa segunda parte são definidas as competências essenciais a cada uma das áreas acima mencionadas.

Para o nosso estudo iremos reportar-nos às competências apresentadas para o 2º ciclo do ensino básico onde são trabalhadas “as áreas (...) de Educação Visual. Esta última associada à área Tecnológica, dando origem à disciplina de Educação Visual e Tecnológica.” (DEB, 2001: 149).

São quatro os eixos estruturantes da literacia em artes:

- “Apropriação das linguagens elementares das artes
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação
- Desenvolvimento da criatividade
- Compreensão das artes no contexto.” (DEB, 2001: 152)

A arte aparece, desta forma, destacada sendo defendido que deve “abrir perspectivas para a intervenção crítica” e ainda “A arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela.” (DEB, 2001: 155)

A partir das ideias enunciadas consideramos que o projecto desenvolvido se integra também neste documento, na medida em que para que os alunos pudessem concretizar esta intervenção foi necessário que anteriormente tivessem desenvolvido competências que assentam nos eixos estruturantes da literacia em artes.

Relativamente à metodologia é considerado no actual contexto que exista “actividade estética nas artes visuais” (DEB – C.E., 2001: 156). Passou, assim a dar-se uma maior importância ao processo, valorizando-se a “dimensão estética das propostas” (C.N.E.B. – E.A., 2001: 156).

A Educação Visual, no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais encontra-se estruturada em 3 eixos:

- Fruição - contemplação
- Produção – criação
- Reflexão – interpretação.

Segundo Reis, (2007: 36) “a definição destas três dimensões vêm na sequência daquilo que autores como Gardner (1994) ou Arnheim (1991) consideram ser as dimensões em que os sujeitos operam no campo artístico, que grosso modo, podemos considerar por, Ver, Fazer e Pensar.”

Pode ainda ler-se neste documento que “as circunstâncias específicas de cada etapa assentará numa progressão em espiral que permita um contínuo alargamento e aprofundamento da aprendizagem.” (2001: 27). É, pois, neste contexto que entendemos relacionar esta progressão e alargamento da aprendizagem com o currículo em espiral, desenvolvido por Bruner, no seu livro *The Process of Education* e que Marques (s.d.: 4) define como podendo “enunciar-se da seguinte forma: qualquer ciência pode ser ensinada, pelo menos nas suas formas mais simples, a alunos de todas as idades, uma vez que os mesmos tópicos serão, posteriormente, retomados e aprofundados mais tarde.” pois, à medida que se incorporam novos conhecimentos haverá um crescendo nas aprendizagens dos alunos.

Por último, também em relação a este aspecto considera-se que o trabalho desenvolvido com os alunos no projecto de intervenção se enquadra nas orientações defendidas já que houve um desenvolvimento crescente nas aprendizagens realizadas pelos alunos que lhes permitiu desenvolver/adquirir competências.

Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Alcochete 2009 / 2012

O Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas El-Rei D. Manuel I, de Alcochete² foi elaborado para vigorar no triénio 2009/2012.

Neste Projecto Educativo são considerados como valores a serem privilegiados: “Educação para a Cultura Humanista; Educação Cívica e Moral; Educação Ambiental; Educação para uma Cultura Científica e Tecnológica e Educação para a Saúde e Sexualidade”.(P.E.A.V.E.A, 2009: 5)

Embora a Cultura Artística não seja aqui contemplada, consideramos que no projecto que estamos a desenvolver, e tendo em conta as competências que se querem ver adquiridas pelos alunos, vamos ao encontro de valores preconizados por uma Cultura Humanista, onde se valoriza o Homem e o conhecimento, ao mesmo tempo que também se tocam valores de Educação Cívica e Moral, onde se incluem o respeito pelo outro e o respeito pelos espaços.

Neste Projecto Educativo é apontado como ponto forte o relacionamento entre professores e alunos e, como pontos fracos a disciplina e o trabalho colaborativo. Assim, parece-nos importante que esses aspectos sejam trabalhados.

Das metas educativas delineadas no Projecto Educativo, o nosso projecto pretendeu dar resposta à meta um, onde se lê que se pretende a “Melhoria do ambiente escolar, reduzindo significativamente as referências de indisciplina, em contexto de sala de aula e de escola”. (P.E.A.V.E.A, 2009: 11). No nosso projecto valorizamos o espaço físico da escola e ao fazê-lo tivemos “subjacente a ideia de que o espaço físico é determinante no ambiente social da comunidade educativa” (M.E., 2003: 5). Foi pois nosso objectivo contribuir para uma melhoria do espaço escolar e fizemo-lo através da execução de um projecto desenvolvido e executado pelos alunos. Pretendemos que estes se tornem intervenientes / participativos na vida da escola, de modo a contribuir para a criação de espaços de realização pessoal e colectiva.

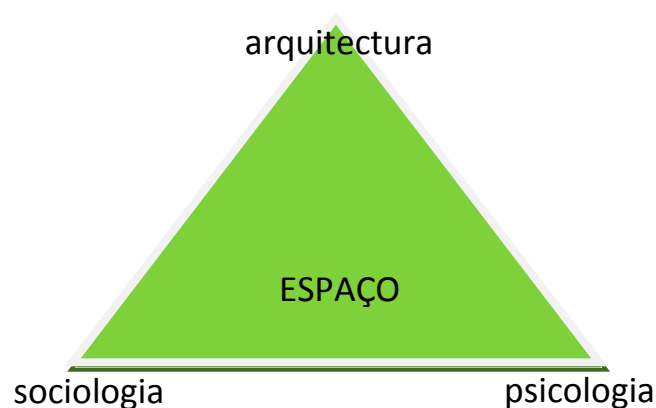
² http://www.avealcochete.pt/ficheiros/PROJECTO_EDUCATIVO_AVEA.pdf

O nome do Agrupamento não é coincidente com o que consta no Projecto Educativo, porque o mesmo foi alterado neste ano lectivo (2010/2011) de Agrupamento Vertical de Escolas de Alcochete para Agrupamento de Escolas El-Rei D. Manuel I

O espaço

Ao longo da nossa vida vamos adquirindo a noção de espaço, e essa noção é-nos dada não só pelo aspecto físico de um lugar, mas também pelo contexto social a ele inerente, e pelas actividades que os actores de um determinado espaço ali desenvolvem. Assim, quando observamos espaços construídos, facilmente reconhecemos os edifícios e na maior parte dos casos a sua utilização. Esse reconhecimento é-nos dado pela simbologia a ela associada, como as escolas, os hospitais, os correios.

O espaço tem sido objecto de estudo por diferentes disciplinas, entre as quais a arquitectura, a psicologia e a sociologia. Tendo estas olhares diferentes perante o mesmo objecto - o espaço - são, no nosso entender, indissociáveis. É na sua intercepção que nos iremos centrar entendendo o espaço³ no seu todo, já que este é construído pelo Homem e para o Homem, ser individual / ser social. O diagrama que se segue pretende demonstrar o que acabamos de referir:



De entre as variadas formas de entender e analisar a arquitectura, e tendo como ponto fulcral o homem utilizador do edifício, surge nos anos 60, pela obra de Christian Norberg – Shulz, o conceito de " arquitectura como uma parte integrante do ambiente, e cuja missão é ordenar e melhorar as nossas relações com o ambiente." (Muga, 2005: 21)

Quando Kurt Lewin introduziu o modelo de análise social em 1951, partiu dos estudos de investigação realizados em psicologia social, e nos quais este processo passa por três fases, nomeadamente "descongelamento, mudança e recongelamento" (Santos: s.d.) abrindo as

³ Quando nos referimos a espaço, estamos a falar de espaço construído.

portas para que o espaço passasse a ser considerado como uma parte importante do estudo do comportamento humano.

Neste sentido, também Fischer (cit. por Barracho, 2010: 27) diz existir uma dependência entre o indivíduo e o contexto em que o mesmo se insere, pois considera que o ambiente (o espaço), exerce uma influência sobre o comportamento do sujeito.

Desde sempre o Homem procurou ocupar e apropriar-se dos espaços que utiliza. Na arte rupestre, o Homem representa o que lhe acontece, o que vai conhecendo no seu dia-a-dia, são disto exemplo, as grutas de Atamarma em Espanha e os desenhos inscritos na pedra na barragem de Foz Côa em Portugal. Jenesse (cit. por Escallier, 2010: 5) refere que estas criações "ocupam uma posição central neste esforço de apropriação simbólica do espaço. E é inegavelmente este último que mobiliza a parte mais criativa da actividade humana e que estimula, antes de qualquer outra determinação, as capacidades técnicas do homem do Paleolítico."

Igualmente nos nossos dias o Homem tem necessidade de deixar a sua marca, como forma de marcar um território⁴, quer essa ocupação seja duradoura ou apenas por um curto espaço de tempo. A afinidade que o indivíduo ou o grupo criam com o espaço pode ter diversas formas de exibição: quando se escreve, se riscam as paredes, ou a mesa da sala de aula, ou a porta da casa de banho pública. Ou, por outro lado, quando se realizam projectos de melhoramento dos espaços. Em ambos os casos se pretende deixar uma marca, apropriar de um espaço utilizado pelo sujeito.

Nesta linha Barracho (2010: 49) afirma: "A apropriação do espaço consiste então, na possibilidade de os sujeitos se poderem movimentar, possuir, sentir, sonhar, aprender". Para este autor toda a apropriação é social (2010: 50), o que permite exercer influência sobre o que nos rodeia, dando-nos a sensação de envolvimento emocional ao mesmo tempo que temos tendência para tratar desses espaços com mais cuidado. (Hertzberger, cit. por Muga, 2005: 134)

⁴ "Holahan (1982) propõe a seguinte definição: "a territorialidade é um padrão de comportamentos, associado com a posse ou ocupação de um lugar ou área geográfica, por um indivíduo ou grupo, e pode envolver a personalização e defesa contra intrusões."(Muga, 2005: 128)

Apropriação e preservação do espaço escolar

O nosso campo de intervenção foi o espaço escolar, considerado como um espaço particular, constituído, na sua estrutura física, com um fim específico, o de abrigar um conjunto de actores que desempenham diferentes papéis: o de aluno, o de professor, o de auxiliar, o de administrativo, de auxiliar da acção educativa, e outros que possam existir neste contexto.

Assim, este espaço específico, que é o espaço escolar, é moldado consoante os seus utilizadores e as funções que nele se desempenham, sendo geralmente compartimentado em diferentes zonas, nomeadamente: pedagógicas, estando aqui incluídas as salas de aula, o ginásio, os laboratórios ou a biblioteca escolar; zonas administrativas, como a secretaria, a direcção ou a portaria; lazer, como os pátios; espaços privados, como a sala de professores, a cozinha; espaços mistos, onde se englobam o refeitório e as casas de banho e, ainda espaço comuns como corredores e átrios. (Escallier, 2010: 4)

Nesta perspectiva adoptámos como conceito de espaço, o definido por Escallier (2010: 4) “o espaço é um lugar físico, com uma estrutura de origem cultural que organiza as relações sociais.”. Segundo esta mesma autora, não é apenas a arquitectura da escola que caracteriza o espaço escolar, é a intervenção que é feita nesse espaço, a utilização que lhe é dada, a função a que se destina, que o torna num espaço único.

Assim, sendo a escola um espaço onde cada grupo tem um papel definido, onde a partilha e a participação de todos os actores deve ser uma constante pois, de outra forma, a “estrutura e a transformação pedagógica escolar ficam enfraquecidas e perdemos o que de mais precioso poderíamos ter na educação, a criação e o sentimento de pertencer” (Rosa & Galera, s.d., p.2), é importante considerar a participação activa, que permita aos alunos melhorar os espaços escolares. Através deste processo conseguirão encontrar o seu lugar, como cada cidadão encontra o seu lugar na sociedade. (Escallier, 2010: 5).

A participação na renovação do espaço escolar é uma forma de criar raízes, de criar laços de pertença, permitindo que os alunos que por ali passam, deixam a sua marca positiva, e assim, a escola tornar-se-á mais forte, mais reforçada, pois torna-se participada, ao mesmo tempo que prepara cidadãos críticos e mais conscientes da sociedade que habitam.

Embora nas escolas este processo de apropriação do espaço seja por vezes “bastante regulada”(Elali, cit. Taveira, 2008: 26), pois as acções que o facilitam surgem em contexto onde os alunos são direccionados pelos professores, consideramos que ao “envolver os estudantes em actividades concretas (...) que podem vir a gerar sentimentos de comunidade e de apropriação do espaço”, (Taveira, 2008: 26) este processo é despoletado e começa a tornar-se uma realidade.

Assim, quando referimos o conceito de apropriação, temos como ponto de partida a palavra apropriar que é definida no Dicionário da Língua Portuguesa (1992: 88) como

“Acomodar, adequar, adaptar”. Foi com esta ideia que encetamos o nosso estudo, na perspectiva de que nos apropriamos do espaço pelo sentido de o melhorar, através da adequação, da adaptação que dele fazemos. (Rodrigues, 2010: 15).

O conceito de apropriação que definimos para o nosso estudo é-nos dado por Korasec-Serfaty (cit. Vidal *et al.*, 2004: 34) quando se refere à apropriação do espaço como: “es un proceso dinámico de interacción de la persona con el medio.” É através da dinâmica criada pela intervenção no espaço que se poderá produzir a sua apropriação, sendo essa não no espaço físico em si, mas no seu significado definido socialmente, através da forma como nos passamos a relacionar com o mesmo. (Vidal *et al.*, 2004: 34)

Esta apropriação reflecte-se em atitudes positivas, de respeito e de preservação, dotando-o de significado e permitindo ao grupo reconhecer-se nesse mesmo espaço.

2º Capítulo

Metodologia

Opção Metodológica

O estudo teve como objecto a intervenção para a renovação de um espaço escolar específico, o átrio do bloco B, da Escola E.B, 2,3 El-Rei D. Manuel I, em Alcochete. O projecto foi desenvolvido com uma turma de 6º ano, 2º ciclo.

Actuámos enquanto professora interveniente no processo de ensino aprendizagem e enquanto investigadora. Desse modo, considerámos que o desenvolvimento de uma metodologia de investigação - acção nos permitiria conceptualizar a nossa prática ao mesmo tempo que actuaríamos sobre ela de modo a melhorar a interacção dos alunos com o espaço que habitam.

Embora este não seja um trabalho cuja tónica assenta na história de educação, pareceu-nos pertinente apresentar uma breve noção sobre investigação – acção, pois para a autora este conceito era novo, tendo por isso sentido necessidade de obter informação neste campo.

Assim, McKernan (cit. por Esteves, 2008: 24) identifica cinco momentos da história da educação que contribuíram para o desenvolvimento desta metodologia.

Na Europa dos séculos XVIII, XIX e XX surgiram pensadores / educadores cujas pedagogias se centravam na criança, de entre os quais o autor salienta Rousseau, Pestalozzi e Maria Montessori. A contribuição de cada um para o evoluir de um pensamento pedagógico centrado nas crianças, confere a estes autores um estatuto decisivo quando se faz história da pedagogia.

Rousseau foi um filósofo do século XVIII que escreveu, por volta de 1762, um livro intitulado *Emílio ou Da Educação* no qual defende que o Homem é bom por natureza. Esta sua obra é considerada com um importante marco na história da educação, pois é a partir dela que serão desenvolvidos outros modelos de educação que têm como centro a criança.

Pestalozzi é um dos seguidores de Rousseau. Tendo vivido em finais do século XVIII e início do século XIX, desenvolveu o Método de Educação Integral. Este método consiste em partir do mais simples para o mais complexo, para que o conhecimento não seja uma mera absorção de informações.

Outra educadora referida por McKernan é Maria Montessori, que viveu entre finais do século XIX e o século XX. Tendo-se formado em medicina e sendo a primeira médica italiana, desenvolveu um trabalho com crianças com necessidades educativas. Para tal, desenvolveu um método de aprendizagem que consistia em colocar à disposição das crianças um conjunto de jogos previamente seleccionados, que estas podiam manipular livremente, de acordo com os objectivos de aprendizagem pretendidos. Este método foi posteriormente alargado aos jardins-de-infância e às escolas primárias e usado em crianças que não apresentavam qualquer dificuldade de aprendizagem.

Num segundo momento, o autor fala de John Dewey, pedagogo, que, no início do século XX, nos Estados Unidos, é considerado como uma figura de destaque no Movimento Progressista. Este pedagogo propõe que os Programas se centrem na criança, e que as aprendizagens sejam feitas com base na vida, através do desenvolvimento do “pensamento crítico, as atitudes democráticas e o trabalho cooperativo. A investigação era entendida como um recurso indispensável para o progresso educacional.” (Esteves, 2008: 25)

Em terceiro lugar, é considerado o contributo de Kurt Lewin e o trabalho que desenvolveu na dinâmica de grupos. Este termo surgiu pela primeira vez em 1944 e o método consistia no estabelecimento de discussões em grupo com vista à tomada de decisões.

No quarto ponto, é referida a investigação - acção cooperativa, cuja definição se prende com “ a cooperação encetada pelas escolas com investigadores externos, transformando-se aqueles em clientes destes últimos e pondo os alunos à disposição da investigação (McKernan cit. por Marques, *et al.*, 2007: 90)

Por último, realça-se o trabalho desenvolvido por Lawrence Stenhouse, em Inglaterra, cujas ideias deram origem ao Movimento do Professor Investigador. Este Movimento surgiu devido a mudanças ocorridas nos anos 40 do século XX no currículo e que conduziram a uma resposta educativa dupla: as Grammar School, para alunos com boa prestação académica, e as Secondary Modern School, para os outros. Verificou-se que nos alunos que frequentaram o segundo modelo aumentou o desinteresse, o insucesso escolar e o abandono. Assim, nos anos 60, liderado por Stenhouse surge o Humanity Curriculum Project, onde professores e investigadores lideram um processo que levará à “transformação cultural de abordagem do currículo.” (Esteves, 2008: 48)

Partindo então dos pressupostos anteriores surge, então, o modelo de investigação – acção. Este modelo é definido por John Elliot “(...)como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade de acção que nela decorre.” (Esteves, 2008: 18), esta foi a definição por nós adoptada por consideramos ser a mais adequada ao trabalho que desenvolvemos em contexto de sala de aula e em contexto de investigação. O projecto pretendeu criar nos alunos competências que se prendem com o trabalho de grupo, o sentido crítico e a capacidade de intervir, tendo como objectivo a intervenção e apropriação de um espaço escolar.

Descrição do Projecto de Investigação

A investigação partiu da seguinte pergunta: *Como é que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode levar os alunos a intervir no espaço escolar, de modo a que estes se apropriem do mesmo e o preservem?*

No estudo, teve-se em conta a capacidade de os alunos efectuarem um projecto que sirva de base à intervenção a realizar no espaço escolar, e que este leve os alunos a preservá-lo.

As referências conceptuais que servem de base à investigação assentam no papel da disciplina de Educação Visual e Tecnológica como facilitadora do diálogo entre os alunos e o espaço escolar e, em conceitos como: o espaço, a apropriação e preservação do espaço escolar.

Assim, desenvolveu-se o trabalho em três etapas distintas.

A primeira foi a aplicação de dois inquéritos por questionário, um à turma que realizou a intervenção e outro a uma amostra dos utilizadores do espaço a ser intervencionado; esta amostra implicou alunos dos dois ciclos, desde o 5º ao 9ºano, professores e funcionários e à Directora da Escola.

A segunda etapa foi desenvolvida com a turma do 2º ciclo, 6º ano que realizou e executou o projecto no espaço escolar.

A última etapa consistiu na segunda aplicação dos inquéritos por questionário, aos mesmos inquiridos da 1ª etapa, de modo a avaliar a intervenção feita no espaço escolar.

Ao longo destas três etapas foram também recolhidos dados através de notas de campo, junto da turma com quem se realizou o projecto de intervenção.

Instrumentos de Recolha de Dados

Para a recolha de dados utilizámos a análise documental, inquérito por questionário⁵, observação directa, documentos produzidos pelos alunos, estando estes últimos documentados em suporte fotográfico.

Revisão da Literatura

Como em qualquer outro projecto de investigação, a revisão da literatura permitiu-nos pesquisar o que outros investigadores já tinham elaborado relativamente à temática em causa, assim como definir os eixos conceptuais em que o baseamos.

Foram analisados um conjunto de documentos cujos temas se prendem com a investigação ao nível dos conceitos de espaço escolar, apropriação e sua preservação, bem como o papel da disciplina de Educação Visual e Tecnológica neste contexto. Assim, analisou-se o Programa de Educação Visual e Tecnológica, Volumes I e II e o Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências de Educação Visual e Tecnológica numa perspectiva dos conceitos anteriormente referidos de modo a fazer o enquadramento dos mesmos.

Inquérito por questionário

Nesta investigação foi utilizada como técnica de recolha de informação junto da população escolar o I.Q. (Quivy, 1992: 188) “O inquérito por questionário de perspectiva sociológica distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem.”

Esta técnica permite a recolha de informações de um elevado número de indivíduos, que serão representativos de uma determinada população e cujas respostas serão previamente estabelecidas, de acordo com uma determinada ordem e possibilidade. (Quivy, 1992: 189).

A mesma apresenta como principais vantagens o facto de se conseguir quantificar vários dados e ao mesmo tempo estabelecer relações entre as variáveis. Permite também que a

⁵ A partir deste ponto utilizaremos a sigla I.Q., quando nos referirmos a inquérito por questionário

população que é inquirida seja representativa do estudo que se pretende efectuar. (Quivy, 1992: 189).

O mesmo autor (idem, 1992: 189, 190) considera a necessidade de criar condições que permitam a credibilidade do questionário e consequentemente os resultados obtidos, a saber:

- A formulação das questões deve ser clara e não suscitar dúvidas;
- Deve existir uma consonância entre as perguntas que são colocadas e o meio onde se inserem os inquiridos;
- Deve haver rigor na escolha dos inquiridos;

Ao analisar esta técnica na óptica da questão que se pretendeu investigar, considerou-se ser o I.Q. (Apêndice D, F, G, e H) o mais adequado, pois inquiriu-se o seguinte número de indivíduos:

- 127 alunos, amostragem por conveniência correspondente a 20% dos 635 alunos que utilizam diariamente o bloco B (espaço intervencionado).
- 1 turma de 23 alunos, intervenientes no projecto
- Assistentes operacionais - 2;
- Professores - 12;
- Directora da escola - 1;

De notar que, como o espaço intervencionado não é frequentado habitualmente por toda a população, o I.Q. foi aplicado apenas aos utilizadores habituais. Não foram inquirir os funcionários dos serviços administrativos por se saber de antemão que os mesmos não utilizam o bloco.

Este número de indivíduos foi necessário para validar a opinião da comunidade escolar face ao que se pretende saber.

Notas de campo

Como já anteriormente foi referido existiu uma participação activa nesta intervenção pelo que a observação directa, não estruturada (Afonso, 2005: 92) foi outra das técnicas que usámos. Esta técnica contudo adquiriu várias formas, uma das quais foram as notas de campo, cujo conceito é definido por Bodgan e Biklen (1994: 150) como sendo "(...)o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo."

Quivy (1992: 198 e 192) considera que este método⁶ permite ao investigador analisar o comportamento do grupo que está a ser estudado e ao mesmo tempo analisar como se produzem os acontecimentos, podendo ser por isso um instrumento válido na análise complementar às restantes técnicas utilizadas.

O mesmo autor considera que o facto de se poder recolher os dados no momento em que se produzem, de os mesmos serem mais espontâneos e autênticos são vantagens apresentadas por esta técnica. Por contraponto apresenta o facto da dificuldade de o investigador ser aceite no grupo, o registo e a sua posterior interpretação.

As notas de campo foram realizadas no decorrer da aula, e posteriormente, desenvolvidas e comentadas (Esteves, 2008: 88). A partir delas foram elaborados relatórios de campo (Afonso, 2008: 93) que origina uma análise reflexiva quer do decorrer das actividades, quer dos registos sócio – pedagógicos. Foi então possível criar indicadores da cooperação que se desenvolveu entre os alunos, bem como do seu nível de envolvimento no projecto e indicadores de aferição dos conceitos de apropriação e de preservação do espaço.

Fotografias

As notas de campo têm também a forma de registos fotográficos. Estes registos foram diários tendo um duplo objectivo: habituação à câmara fotográfica de modo a que esta

⁶ Apesar de estar a ser usada a terminologia de técnica, aqui usa-se o termo método, pois é assim que o autor em questão referencia as notas de campo

deixasse de ser vista como um intruso (Esteves, 2008: 91) e registo no tempo de modo a visualizar a progressão dos trabalhos dos alunos.

Assim foi possível observar e acompanhar o projecto no seu todo, desde a concepção, passando pela execução e pela conclusão.

Documentos produzidos pelos alunos

Relativamente aos documentos produzidos pelos alunos eles são o suporte para a obtenção de dados relativos ao envolvimento de cada um no projecto.

Os grupos de trabalho dataram todos os registos que realizaram, o que possibilitou a construção de um portefólio, permitindo também percepcionar as alterações que se realizaram no projecto. Burneford (cit. Esteves, 2008: 92) diz ser possível, deste modo, analisar a forma como os alunos processaram a informação e ao mesmo tempo perceber como é que lidaram com o problema que têm para resolver. Diz ainda que deste modo é possível que os alunos se entre-ajudem, na medida em que podem comentar e analisar o trabalho uns dos outros, alargando a sua contribuição para a realização do trabalho colectivo.

Considera-se pois que esta é uma técnica / estratégia⁷ necessária para que se avance com o projecto de intervenção no espaço escolar.

A utilização destas técnicas permitiu fazer a triangulação de dados de modo a criar informação que responda de forma cabal à nossa questão de partida. Os registos produzidos dão-nos indicações sobre o percurso e o envolvimento dos alunos no projecto. Partindo destes indicadores pode-se reflectir e fazer a ponte entre o primeiro I.Q. (aplicado antes do início do projecto) e o segundo I.Q. (aplicado após a intervenção), para assim perceber se, na perspectiva dos alunos directamente envolvidos no projecto e na dos utilizadores do bloco B, houve ou não uma contribuição para a valorização estética do espaço intervencionado, bem como uma mudança ao nível da relação que têm com o mesmo.

⁷ Sendo considerada uma técnica é na perspectiva da autora também uma estratégia de trabalho.

Contexto da Investigação e Participantes

Foucault defende que a “história dos espaços é paralela à dos poderes, assim, quando se fala de arquitectura escolar, temos sempre que fazer um paralelismo com a história do país, do país político.” (Ribeiro, 2004: 106)

A história do 2º ciclo começou em 1967, quando foi criado por Decreto-Lei nº 47 480, de 2 de Janeiro, o ensino preparatório. Este consistia em dois anos entre o ensino primário e o ensino secundário, preenchendo deste modo um espaço considerado importante, pois possibilitou que a escolha entre a via técnica e a via liceal se processasse dois anos mais tarde e não à saída da escola primária.

Em 1973, com a lei de bases do sistema educativo, a Lei 5/73, de 25 de Julho, a escolaridade obrigatória passou para oito anos, no entanto, esta acabou por nunca ser aplicada devido à revolução de Abril⁸, e à consequente queda do governo vigente na época, mantendo-se assim a obrigatoriedade de seis anos de escolaridade, quatro no ensino primário e dois no ensino preparatório.

O mesmo Decreto-Lei nº 47 480, de 2 de Janeiro, definia também que todas as escolas técnicas e secções dos liceus que funcionassem fora das respectivas sedes, seriam transformadas em escolas preparatórias, a partir do dia 1 de Outubro de 1968. É referido ainda neste documento, que sempre que não existisse um edifício próprio, o ciclo preparatório funcionaria juntamente com o ensino secundário.

Foi por esta altura, a 15 de Janeiro de 1970, que Francisco Elmano⁹ comunicou, em sessão de Câmara, que por “despacho ministerial desse mesmo dia, Alcochete iria ter a sua escola preparatória (...)”. A 28 de Janeiro desse mesmo ano é publicado em Diário de Governo a Portaria 69 / 70 na qual se salienta no seu ponto um: “ (...) É criada uma escola preparatória

⁸ “ (...) na madrugada de 25 de Abril de 1974, (...), o Movimento das Forças Armadas – designação com que se apresentou ao país o numeroso grupo de oficiais, na maior parte constituído por capitães, responsável pelo acto revolucionário de 25 de Abril – derrubava o regime autoritário que surgira a partir de um outro movimento militar eclodido 48 anos antes, em 28 de Maio de 1926.” (In Reis, 1983: 761)

⁹Francisco Elmano foi advogado. E exerceu carreira como político ao nível administrativo. Em Alcochete foi presidente da Comissão Concelhia da União Nacional de Alcochete, em 1956.

Em 1964 foi eleito como vice-presidente da Câmara Municipal de Alcochete.

Em 19 de Agosto de 1968 integra o governo como subsecretário de Estado no Ministério da Defesa.

no concelho e vila de Alcochete, a qual se denominará Escola Preparatória D'el-Rei D. Manuel I" (Veríssimo et al., 1995: 3).

Assim, a primeira escola preparatória existente em Alcochete começou a funcionar em 16 de Outubro de 1970, na Quinta do Valbom.

Este espaço foi adquirido pela Câmara Municipal dois anos antes, no sentido de aí fazer funcionar a referida escola. A casa de habitação existente na quinta foi convertida em salas de aula; nas cavalariças funcionavam as aulas de trabalhos manuais e no picadeiro a sala de convívio.

A escola preparatória de Alcochete funcionou na Quinta do Valbom até ao ano de 1984, ano em que foram concluídas as obras da nova escola, cuja denominação se manteve. Em 1992 o nome da escola foi alterado para Escola E.B. 2,3 /S El-Rei D. Manuel I, pois também ali passou a funcionar o ensino secundário. Em 2004, concluídas que estavam as obras da escola secundária, passou a ministrar apenas o 2º e o 3º ciclos, denominando-se Escola E.B. 2,3 El-Rei D. Manuel I.

Aquando da sua implementação em Alcochete, na Quinta do Valbom, estavam matriculados 136 alunos, actualmente frequentam a escola 995 alunos, sendo 423 no 2º ciclo e 572 no 3º ciclo.

O espaço escolar continua o mesmo de há 27 anos, quando foi construída como uma escola com capacidade para 30 turmas, mas a realidade modificou-se e no presente ano lectivo (2010/2011) encontram-se a frequentá-la 47 turmas.

As sucessivas mudanças ocorridas na Escola objecto do presente Relatório, ilustram bem que a escola é um espaço em mudança, em permanente adaptação ao meio e que quando se altera o interior ou o exterior, estamos a mudar a natureza do lugar, significando isso, como refere Viñao Frago (1998: 139) que se "deve abrir o espaço escolar e construí-lo como lugar de modo tal que não se restrinja a diversidade de usos ou a sua adaptação a circunstâncias diferentes". A escola muda na medida em que mudam os seus utilizadores, os alunos mudam, porque muda a sua idade e a sua forma de ver e entender o espaço que os envolve. Este é um espaço de mudança constante, e nesse sentido, é importante que o espaço físico seja construído de forma flexível, permitindo novas renovações. Assim será

importante, na nossa opinião, que também as intervenções a serem realizadas não tenham um carácter permanente, mas que possam permitir que “novos habitantes” também possam participar.

Escallier (2000: 197) refere que “(...) o espaço se constrói pelas práticas e uma das suas propriedades é a de ser um elemento transformável.” Nesta perspectiva definimos o nosso estudo na medida em que este se centra na intervenção dos alunos sobre um espaço comum da escola, especificamente, o átrio de entrada do bloco B da Escola E.B.2,3 El-Rei D. Manuel I em Alcochete.

A escola foi objecto de pintura dos espaços exteriores dos edifícios que a compõem no final do ano lectivo 2007/2008, pelo que o seu exterior esconde as necessidades que se fazem sentir no seu interior. Dos 4 blocos de aulas que a compõem (Blocos A, B, C, e D), os blocos A e B destinam-se aos alunos do 2º ciclo, embora os alunos do 3º ciclo usem também o bloco A para as aulas de informática e Educação Tecnológica e o Bloco B para as de Educação Visual. Os blocos C e D funcionam essencialmente com aulas de 3º ciclo.

Os blocos C e D já tinham sido decorados pelos alunos do 3º ciclo, estando os blocos A e B como uma tela em branco como que apelando a uma intervenção. Foi precisamente isso que aconteceu, envolvendo os alunos do 2º ciclo na renovação do espaço escolar.

A par desta questão existiu uma outra, que serviu de mote para que este processo começasse a ganhar forma. A ideia generalizada de que os alunos estragam tudo corresponde a um estereótipo alicerçado na Escola onde se interveio. Defendemos a ideia de que se estraga principalmente o que já está degradado, e que a inversão desse ciclo pode accionar mecanismos de preservação e de orgulho na defesa daquilo que se sente como “nosso”. Assim, desenvolver um projecto que fosse construído pelos alunos e que tivesse em conta a sua opinião, pareceu-nos ser importante para que esta ideia possa começar a ser alterada.

A escolha da Escola, a E. B. 2, 3 El-Rei D. Manuel I prendeu-se com o facto de ali exercer as funções de docente na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

A escolha da turma surgiu pela continuidade pedagógica, pelo par de docentes que leccionam a disciplina de EVT, e por considerarmos que os alunos dessa turma haviam já

adquirido competências que lhes permitiriam realizar e concretizar, na íntegra, um projecto de intervenção no espaço escolar. A turma é composta por vinte e três alunos, sendo oito do sexo masculino e quinze do sexo feminino. À data da matrícula, dois alunos tinham dez anos, vinte tinham onze anos, e um tinha doze anos, nenhum aluno apresenta retenções em qualquer dos ciclos. Um aluno é de nacionalidade Brasileira, os restantes são de nacionalidade Portuguesa.

O período escolhido para a implementação do projecto teve em conta a necessidade de tempo para a preparação dos I.Q., uma vez que foi necessário realizar um pré-teste a partir do qual foram posteriormente elaborados os questionários a aplicar na turma com quem se fez a intervenção no espaço escolar, e ao grupo de utilizadores desse mesmo espaço. Foi também necessário prever o tempo de resposta da Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar.

O projecto de intervenção no espaço escolar foi desenvolvido com a turma entre 3 de Novembro de 2010 e 2 de Fevereiro de 2011.

Descrição do Processo de Análise dos Dados

No âmbito do estudo por nós desenvolvido, aplicámos quatro inquéritos por questionário. Dois à turma que realizou o projecto de intervenção no bloco B (apêndice D e E) e dois a uma amostragem por conveniência da população utilizadora do espaço intervencionado (apêndice F e G). Um I.Q. foi aplicado antes e outro após a intervenção no espaço, aos respectivos grupos.

O quadro seguinte mostra o número e tipologia de inquiridos respondentes aos I.Q..

Inquérito por Questionário - turma			Inquérito por Questionário - utilizadores		
	Antes da intervenção	Após a intervenção		Antes da intervenção	Após a intervenção
Alunos	23	22 ¹⁰	Alunos 2º e 3º ciclos	127	124 ¹¹
			Professores	12	12
			Funcionários	2	2
			Directora	1	1
			Total	142	139

Quadro 1

População inquirida nos Inquéritos por Questionário aplicados

Nos I.Q. aplicados à turma que executou o projecto pretendeu-se aferir o seguinte:

- Opinião dos alunos face às suas atitudes em relação ao espaço escolar.
- Opinião dos alunos face ao melhoramento dos espaços escolares e à sua possível participação.
- Potencialidade da disciplina de Educação Visual e Tecnológica como mediadora do diálogo aluno / espaço escolar.
- Importância da participação dos alunos em projectos de intervenção no espaço escolar.
- Percepção estética do átrio do Bloco B.

¹⁰ Respondeu menos um aluno, por esse ter sido transferido para a Suíça.

De referir que esse aluno participou, no entanto, em toda a execução do projecto.

¹¹ Responderam menos três alunos, um por ter sido transferido e dois por se encontrarem ausentes da escola por motivo de doença.

- Apreciação sobre a possível participação no projecto de intervenção a realizar no átrio do bloco B.

Nos I.Q. aplicados aos utilizadores do espaço não participantes na sua mudança, pretendeu-se analisar as suas opiniões relativamente a:

- Atitude dos alunos face ao espaço escolar.
- Percepção sensorial dos inquiridos face ao espaço escolar.
- Importância de projectos de renovação do espaço escolar.
- Importâncias de os alunos participarem em projectos de intervenção no espaço escolar.
- Sugestões para as possíveis alterações a fazer no Bloco B.
- Opinião em relação ao átrio do Bloco B (antes e depois da intervenção).

A necessidade de dois I.Q. distintos, embora com pontos em comum, foi sentida para se perceber como foram entendidas as questões acima enunciadas na perspectiva dos alunos que realizaram o projecto de intervenção no espaço escolar, mas também verificar níveis de simpatia e de adesão da comunidade escolar a este tipo de intervenções.

Os restantes instrumentos de recolha de informação foram utilizados apenas com a turma que executou o projecto, já que apenas esse contexto proporcionou a possibilidade de uma sistematização ao nível da observação directa, das notas de campo, das fotografias produzidas ao longo do processo, bem como dos documentos produzidos pelos alunos. Os dados resultantes das respostas aos inquéritos por questionário foram posteriormente analisados e comparados com os dados recolhidos na turma.

Segunda Parte

3º Capítulo

Projecto de intervenção

Como já se referiu, para responder à nossa questão de partida houve necessidade de se envolver não só a turma que desenvolveu o projecto, mas também verificar a opinião dos utilizadores diários do espaço a ser intervencionado.

Após recebidas as devidas autorizações, foram aplicados dois inquéritos por questionário, um à turma que realizou a intervenção no átrio do Bloco B, e que será a partir de agora denominada por turma e, outro, a um universo representativo dos utilizadores, alunos (amostra), professores, funcionário e directora. Este último, teve como fim aferir da opinião desta população sobre a forma como são respeitados os espaços pelos alunos e como é visto o bloco onde se pretende fazer a intervenção, bem como apreciar as suas ideias para a mudança que se pretende levar a cabo (no capítulo anterior especificámos os objectivos dos dois instrumentos de recolha de informação).

A etapa seguinte foi a apresentação da Unidade de Trabalho à turma. Foram especificados os objectivos e as tarefas a prosseguir, isto é, foi-lhe dito que o trabalho consistia numa intervenção estética no espaço escolar, a saber o Bloco B. Tendo o projecto como base as opiniões recolhidas através dos inquéritos realizados a um total de 165 pessoas (turma e utilizadores) apurou-se que: 73 dos inquiridos consideraram o bloco B como "indiferente", 56 referem-se a este espaço como sendo "feio" e 55 como "impessoal" (dados apresentados no gráfico 8). Neste mesmo I.Q., pode verificar-se que 112 indivíduos consideraram que a intervenção deverá passar pela pintura do espaço (gráfico 9).

Com base nestes resultados, considerou-se ser pertinente a intervenção no átrio do bloco B tendo a mesma como base a pintura.

Foram então constituídos os grupos de trabalho. Os alunos agruparam-se consoante os locais do átrio onde gostariam de intervir, sendo o espaço físico dividido em 5, com a seguinte correspondência:

- Grupo um - Portas das casas de banho
- Grupo dois - Parede das casas de banho
- Grupo três - Parede da sala B7
- Grupo quatro - Corredor

► Grupo cinco - Parede dos cacifos

Passamos agora a ilustrar o desenvolvimento do trabalho de cada grupo, na primeira fase do projecto:

Grupo um

Produziram os desenhos para identificação das casas de banho das raparigas e dos rapazes. Tendo surgido a ideia de utilizarem um desenho elaborado no ano anterior, por uma aluna deste grupo, o mesmo foi utilizado na identificação da casa de banho das raparigas.



Imagem 1

Estudo da figura da casa de banho das raparigas

Imagem 2

Estudo da figura da casa de banho dos rapazes

Deste modo, o grupo trabalhou neste primeiro desenho (imagem 1) e procurou realizar o segundo (imagem dois), criando uniformidades na identificação das casas de banho das raparigas e dos rapazes.

Grupo dois

O grupo trabalhou a parede das casas de banho. Por ser uma parede grande e central no projecto, surgiu desde logo a ideia de a pintar de uma cor diferente, tendo sido sugerido o verde, transmitindo a ideia de campo, de calma e tranquilidade. Esta ideia foi apresentada à turma que a acolheu e integrou nos seus projectos.

Dado o seu tema ser o campo, inseriram no seu desenho também uma árvore com um ninho. Acrescentaram a frase: "levar uma linha a dar um passeio", esta frase surgiu pela t-shirt de uma aluna e, o grupo considerou englobá-la no seu trabalho.

Esta frase foi considerada pelos 5 grupos como o elemento de união de todos os trabalhos.



Imagem 3

Estudo para a parede das casas de banho

De referir que os grupos um e dois tiveram em conta que estavam a trabalhar no mesmo espaço físico, na mesma parede. Articularam as suas ideias, para que o trabalho resultasse como um só.

Grupo três

Este grupo interviu na parede da sala B7. O trabalho teve como ponto de partida o conto "Alice no país das maravilhas", o relógio foi o tema central. Houve, neste grupo, a preocupação de articular o seu trabalho com o grupo dois e com o grupo quatro, não na concepção do tema que o conduziu, mas na paleta de cores que utilizaram, que consistiu no verde, no magenta e no laranja tijolo.

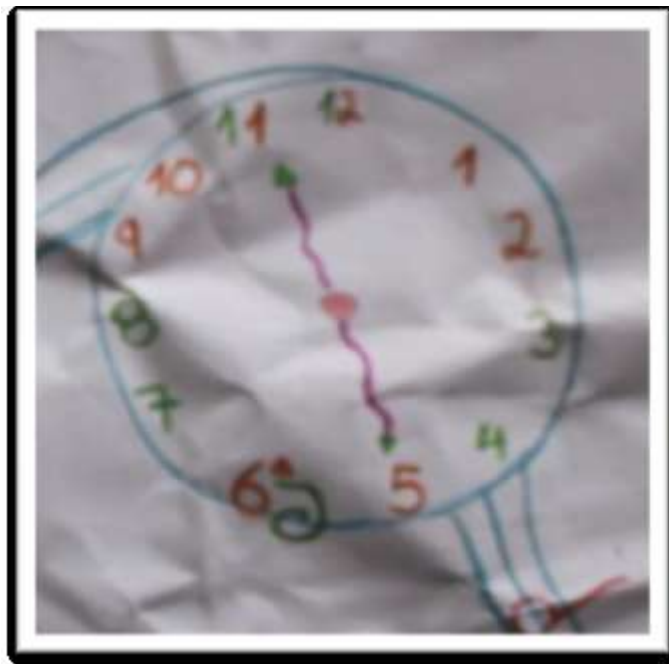


Imagem 4

Estudo para o relógio

Grupo quatro

Os elementos deste grupo trabalharam o projecto correspondente ao corredor. As suas ideias foram desenvolvidas em torno de um "passeio onde se pára e se volta atrás e se conversa e se anda mais um bocadinho e também se anda à roda". Esta definição foi dada por um dos elementos do grupo e cujo ponto de partida foi a frase do grupo dois.



Imagem 5

Estudo do corredor

Entre este grupo e o seguinte, embora as suas ideias visuais fossem diferentes, existiu a preocupação de encontrar pontos que fizesse a transição de um espaço para o outro. A solução foi encontrada com uma linha verde que nasce no corredor (grupo quatro) e se transforma num monte na parede dos cacifos (grupo cinco).

Grupo cinco

Tendo como elemento fundamental a pintura dos cacifos, este grupo escolheu como tema “a cidade”. Definiram como centrais os dois armários de cacifos que transformaram em prédios através da pintura, inserindo-os num cenário onde impera a natureza, pois “deve haver muitos espaços verdes nas cidades, para podermos brincar e andar de bicicleta”, como referiu Y.

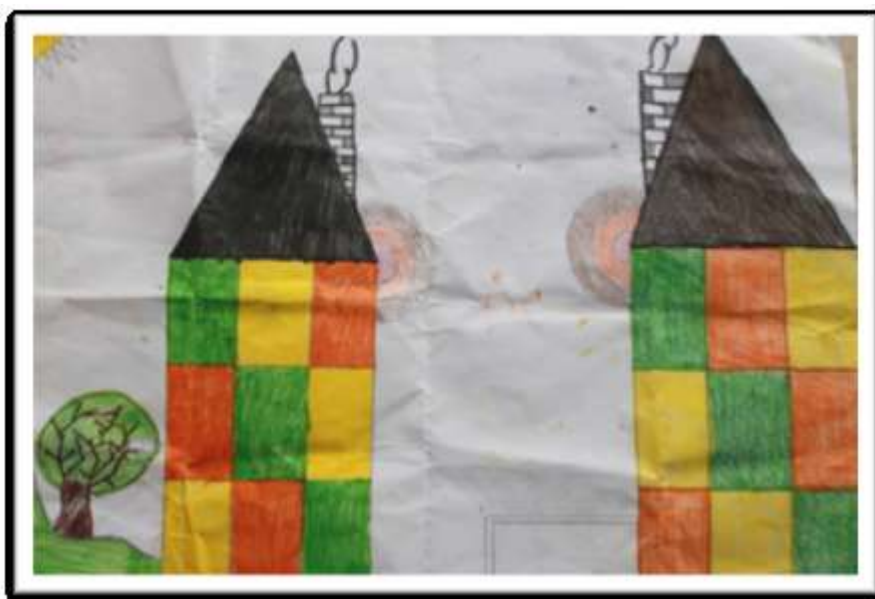


Imagem 6

Estudo da parede dos cacifos

A conclusão desta etapa do projecto coincidiu com o final do 1º período, tendo-se usado este tempo, entre os dois períodos lectivos, para reunir os materiais necessários à execução do mesmo.

Com o segundo período iniciou-se a pintura do bloco B. Antes de se iniciar a intervenção solicitou-se a cada grupo que as tarefas fossem organizadas e definidas, permitindo a cada um saber quais as suas funções, pois de outro modo não seria viável a permanência de todos no espaço.

A fase seguinte consistiu na preparação do espaço e dos desenhos em tamanho natural.



Imagem 7

Decalque da imagem para papel vegetal

O grupo um dividiu-se em dois. Uns lixaram, aplicaram sub-capa e pintaram de verde as portas das casas de banho. Os restantes fotografaram os desenhos, de modo a serem ampliados, através da projecção sobre papel vegetal. Através deste suporte foram decalcadas as imagens para as portas e pintadas.

O grupo dois, à semelhança do anterior, também se subdividiu.

Enquanto uns pintavam a parede de verde, conforme projectado inicialmente, os restantes desenhavam em papel vegetal, em tamanho natural a árvore e a frase, procedendo-se ao seu decalque na parede, como se referiu no grupo anterior.



Imagem 8

Limpeza do átrio do bloco B no final da aula

O grupo quatro também teve necessidade de desenhar em papel vegetal alguns elementos, nomeadamente a espiral e a linha curva repetida, para depois os decalcarem e pintarem na parede.



Imagem 9

Pintura da parede das casas de banho

A terceira fase consistiu no momento de dar vida aos projectos desenhados no papel e passa-los para as paredes.

Foi dado a cada grupo uma ficha de planificação de tarefas (apêndice H), permitindo-lhes definir as suas tarefas: de pintura, organização dos materiais necessários, limpeza dos espaços e dos materiais para cada aula.

Dos trabalhos planificados em papel, apenas um grupo, o grupo cinco, necessitou de fazer alterações ao projecto inicialmente delineado. Sendo a pintura dos cacifos, como já referimos, um elemento fundamental e verificando-se que a pintura dos mesmos não resultou como se pretendia, o próprio grupo fez alterações ao projecto, conseguindo, no entanto, manter a sua concepção inicial, e transformar os cacifos em prédios.



Imagem 10

Pintura dos cacifos

Durante este processo, recolheram-se imagens fotográficas dos trabalhos dos alunos e também notas de campo (compiladas nas grelhas de observação – apêndice I), de modo a captar informação que complemente outros dados necessários à análise do nosso projecto.

Apresentamos de seguida, imagens fotografadas da intervenção concluída no átrio do bloco B.



Imagem 11

Parede da entrada e da casa de banho das raparigas



Imagem 12

Parede das casas de banho



Imagem 13

Parede das casas de banho e da sala B2

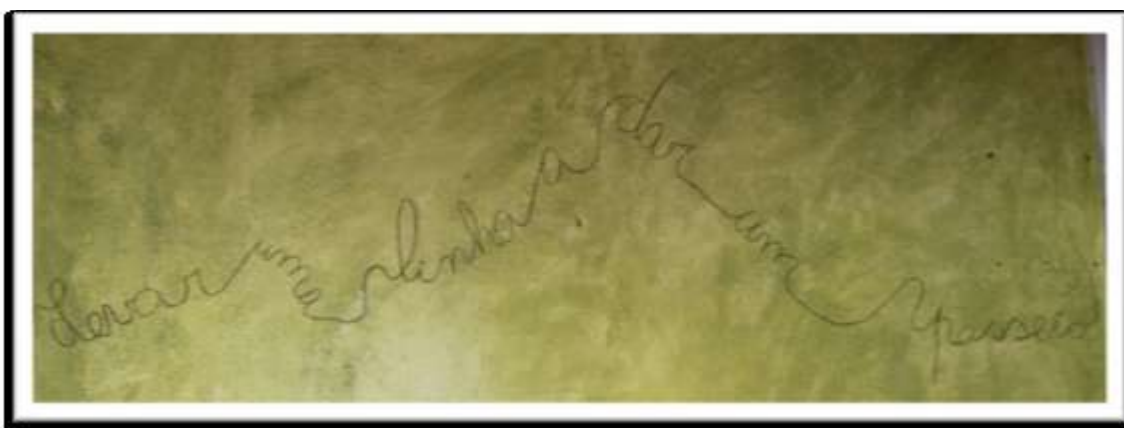


Imagem 14

Frase na parede das casas de banho



Imagem 15

Corredor



Imagem 16

Corredor



Imagem 17

Parede dos cacifos

Imagem 18


Parede dos cacifos

Após a conclusão dos trabalhos de pintura do Bloco B foi aplicado um segundo I.Q. à turma e ao outro grupo a que chamámos “utilizadores do espaço”. Com estes I.Q. pretendemos avaliar se houve alguma mudança nas opiniões veiculadas na primeira inquirição.

Recolha e análise de dados

A análise dos dados que agora se apresenta pretende responder à questão de partida que inicialmente colocámos.

As actividades que se propuseram à turma tiveram por objectivo a implementação de um projecto de intervenção em meio escolar, tendo-se estabelecido fases precisas para a concretização do mesmo e cuja ordem se apresenta seguidamente:

- ▶ Aplicação do 1º I.Q.
 - I.Q. – Turma
 - I.Q. – Utilizadores
 - ▶ Apresentação do projecto à turma
 - ▶ Desenhos dos alunos
 - ▶ Pintura do espaço – átrio do Bloco B
 - ▶ Aplicação do 2º I.Q.
 - I.Q. – Turma
 - I.Q. – Utilizadores
- Observação Directa + Fotografias (Turma)
- 

Dados dos inquéritos por questionário

Neste ponto analisar-se-ão os dados resultantes da aplicação dos I.Q., já anteriormente referidos, e que pretenderam, globalmente, ajudar-nos a compreender:¹²

- ▶ Atitudes dos alunos em relação ao espaço escolar
- ▶ Importância da disciplina de Educação Visual e Tecnológica como mediadora do diálogo aluno / espaço escolar.
- ▶ Importância da participação dos alunos em projectos de intervenção no espaço escolar.
- ▶ Percepção relativamente ao átrio do Bloco B.
- ▶ Sugestões para alteração do aspecto visual do átrio do Bloco B (1º I.Q.)
- ▶ Alteração realizada no átrio do Bloco B (2º I.Q.)
- ▶ Participação no projecto (Turma – 2º I.Q.)

A apresentação dos resultados dos I.Q. da turma e dos utilizadores é, nesta fase, feita em separado, por considerarmos que isso nos dará uma leitura mais pormenorizada das informações recolhidas.

Turma

Foram aplicados dois I.Q. a uma turma do 6º ano, com 23 alunos, tendo a totalidade respondido ao primeiro e 22 ao segundo, pois um dos alunos foi transferido.

Responderam 15 elementos do sexo feminino ao primeiro e segundo I.Q.; em relação ao sexo masculino as respostas foram de 8 e de 7 elementos, respectivamente.

¹² Os objectivos foram apresentados de forma mais detalhada no 2º capítulo.

Interrogados sobre as suas atitudes em relação ao espaço escolar, e podendo escolher três respostas de um conjunto de seis, os alunos responderam de acordo com o gráfico que se segue, ilustrativo da alteração entre o primeiro e o segundo I.Q..

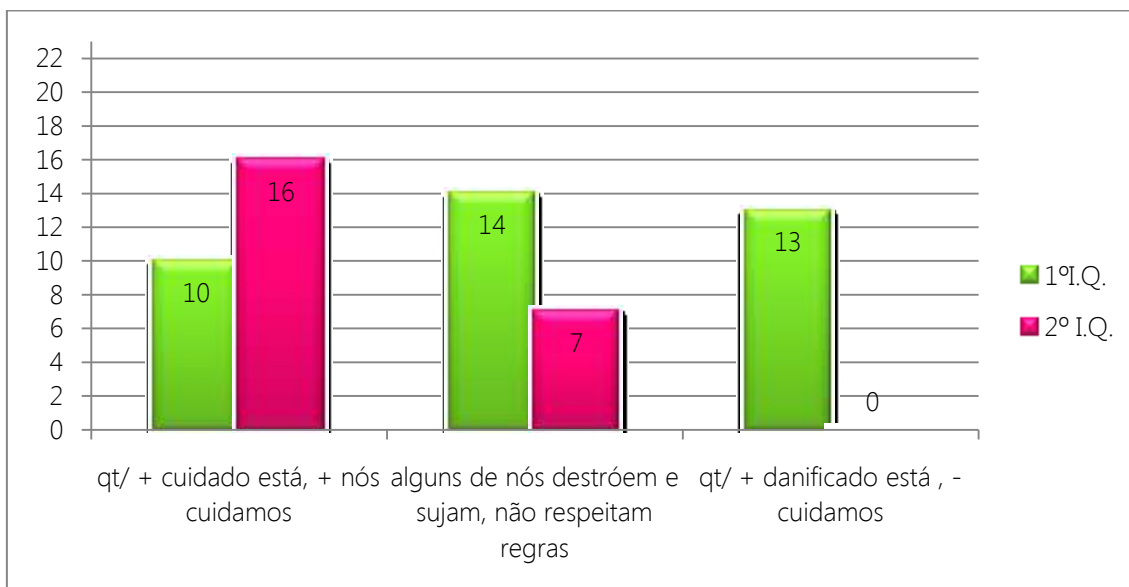


Gráfico 1

Atitudes dos alunos face ao espaço escolar

Na questão 3 indagou-se se consideravam relevante a opinião e a participação dos alunos nos melhoramentos efectuados no espaço escolar. Os inquiridos foram unânimes na resposta respondendo que sim.

Quando questionados porquê, e tendo como base um conjunto de cinco respostas das quais podiam seleccionar duas, obteve-se os resultados ilustrados no gráfico 2.

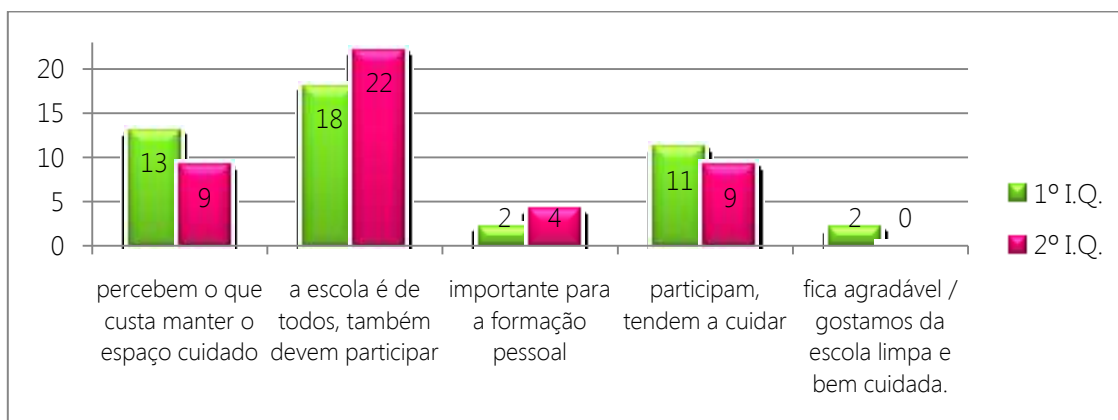


Gráfico 2

Porque é relevante a opinião e a participação dos alunos face aos melhoramentos no espaço escolar

Sendo o espaço escolar o nosso lugar de intervenção e objecto de estudo, aprez-nos destacar que os dados apresentados no gráfico anterior são marcantes para o nosso estudo.

Assim, verifica-se que houve uma mudança, por parte dos alunos intervenientes no processo, relativamente à percepção do espaço escolar pois no segundo I.Q. a totalidade dos inquiridos refere que todos devem participar na valorização do espaço escolar, e entendem a escola como sendo de todos.

A questão número 4 referia-se à disciplina de Educação Visual e Tecnológica, no que concerne à contribuição que os alunos podem dar através desta, para o embelezamento dos espaços escolares. Das respostas obtidas aferiu-se que no primeiro I.Q. 22 alunos responderam sim e 1 não e no segundo responderam 22 sim.

A questão número 5 refere-se à participação num projecto de decoração do átrio do bloco B. No primeiro questionário perguntou-se aos alunos se gostariam de participar, tendo 21 alunos respondido que sim e 2 que não; no segundo, foi-lhes perguntado se tinha sido importante participar neste projecto, tendo a totalidade dos alunos respondido sim. Convidados a justificar a resposta, obtiveram-se as informações patentes no gráfico 3. De referir que esta foi uma pergunta de resposta aberta.

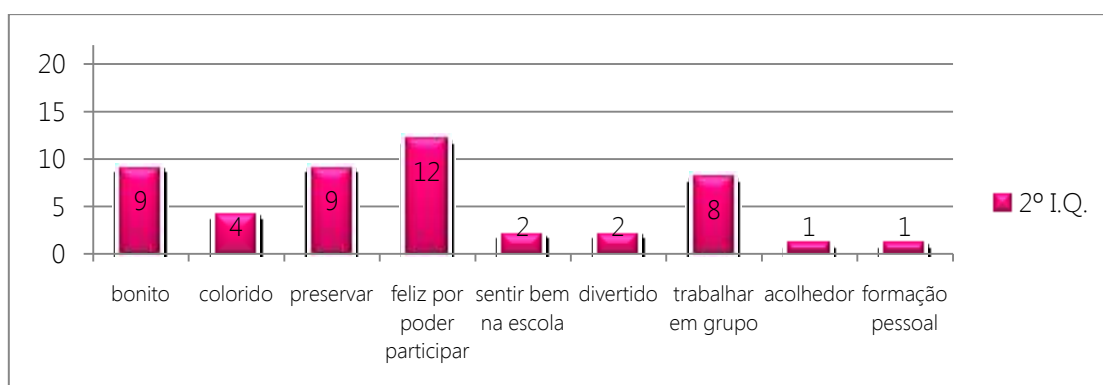


Gráfico 3

Porque gostariam de participar num projecto de decoração do átrio do bloco b

A questão número 6 do primeiro I.Q. e a número 4.1 do segundo, prendem-se com a percepção deste grupo face ao átrio do bloco B, antes e depois da intervenção, tendo-se

chegado aos dados representados no gráfico 4. De referir que em ambas as questões os alunos poderiam escolher até três respostas.

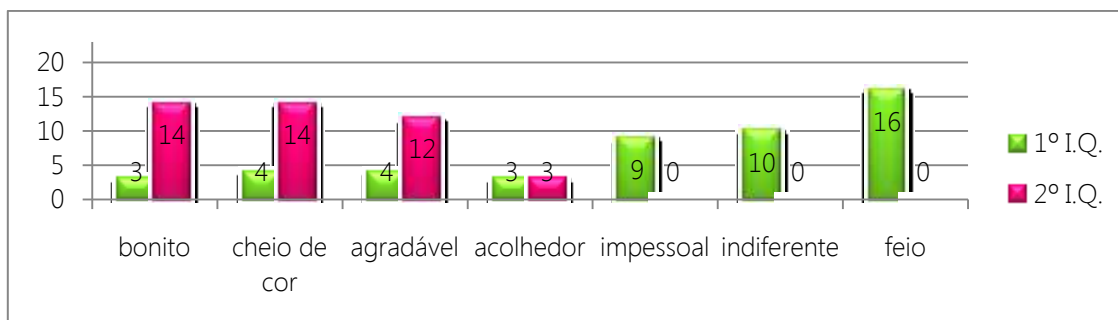


Gráfico 4

Perspectiva face ao bloco b, antes e depois da intervenção

No primeiro I.Q. foram interrogados sobre que tipo de intervenção poderia ser feita no espaço, podendo os alunos escolher até duas opções. Desta questão resultou a informação apresentada no gráfico 5.

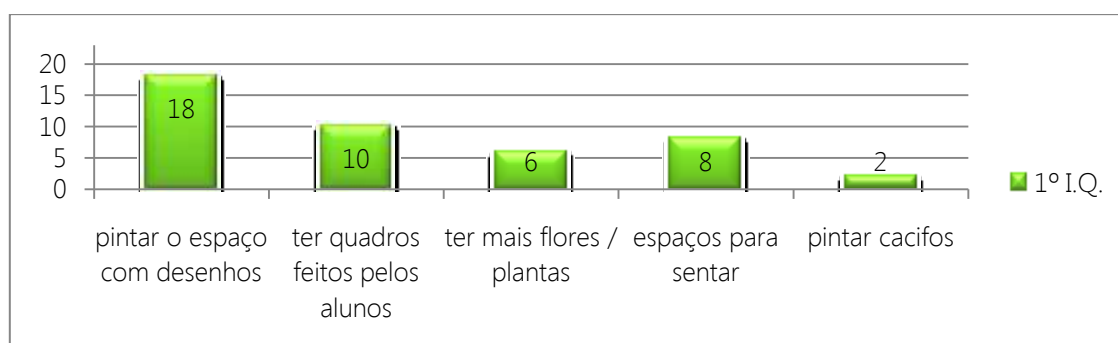


Gráfico 5

Que intervenção no átrio do bloco b

Utilizadores

Nos I.Q. aplicados ao grupo utilizador do bloco B, constituído por 142 elementos no primeiro e 139 no segundo (1 aluno foi entretanto transferido e 2 não estavam presentes no dia da sua realização), obtiveram-se os seguintes dados:

Dos inquiridos, 62 são do sexo masculino e 80 são do sexo feminino no primeiro I.Q.. No segundo, 59 são do sexo masculino e 80 do sexo feminino.

Relativamente às idades, elas variam de acordo com o apresentado no gráfico 6.

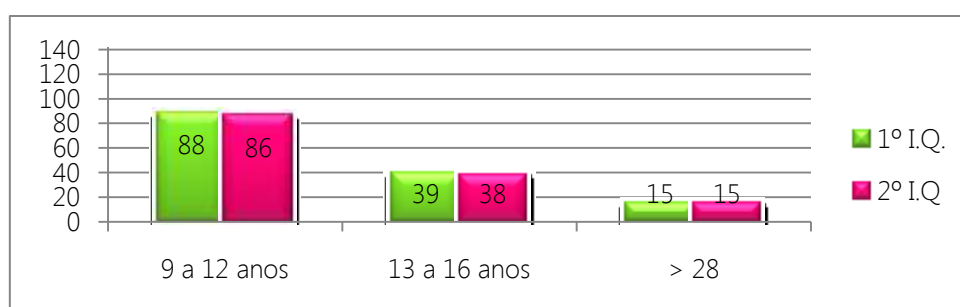


Gráfico 6

Idade dos inquiridos

No quadro seguinte está sistematizada a informação apurada relativamente à percepção que os inquiridos apresentam do espaço escolar.

Legenda:		V		PV		F	
		1º	2º	1º	2º	1º	2º
G1	de um modo geral, os alunos preservam o espaço escolar	15	0	51	102	76	37
	quanto mais danificado está o espaço escolar, mais os alunos tendem a não cuidar dele	61	28	61	108	20	3
G2	a nossa escola é um espaço bonito e agradável	37	19	39	103	66	17
	a nossa escola precisa de espaços mais humanizados	123	114	17	23	2	2
	a nossa escola precisa de ter mais elementos estéticos criados pelos alunos	114	113	21	21	7	5
	o espaço físico é determinante no ambiente que se vive na escola	104	100	35	22	3	2
G3	gostaria de participar no embelezamento dos espaço escolares	91	102	23	19	18	3
	os alunos gostam de ser envolvidos em projectos de embelezamento dos espaços escolares	84	100	51	21	7	3
	quando os alunos são chamados a participar no embelezamento do espaço escolar, valorizam e respeitam mais esse mesmo espaço	90	108	44	16	8	0

Quadro 2

Percepção dos inquiridos face ao espaço escolar

Relativamente à forma como os utilizadores representam a preservação do espaço escolar pelos alunos (questões relativas ao G1, assinalado no quadro da página anterior), verifica-se uma alteração entre o primeiro I.Q., onde esta é maioritariamente negativa, e o segundo, onde há um esbatimento dessa negatividade, aumentando o valor intermédio da escala. Estranha-se, contudo, a ausência de posicionamento positivo face a essa questão no segundo I.Q. Porventura, tendo a intervenção no espaço sido conduzida através de um projecto inserido num contexto académico (mestrado) e assim formalizado, ela não foi apropriada pelos utilizadores do espaço como algo da responsabilidade dos alunos, mas como um projecto induzido pela autora. Por outro lado, no nosso entender, este dado acontece, pelo estereótipo instalado na Escola, de que “os alunos estragam tudo”, pelo que embora se perceba uma alteração, esta ainda é tímida na sua apresentação. A segunda questão deste grupo apresenta-se também de complexa análise, possivelmente pela sua própria formulação que obrigava a um esforço conceptual considerável, na medida em que se apresenta com uma dupla negação, o que poderá ter dificultado a interpretação ao grupo etário que maioritariamente respondeu ao inquérito. Por outro lado, confrontados com a intervenção que havia terminado há bem pouco tempo, é possível que estes dois aspectos tenham influenciado o aumento de respostas na posição intermédia correspondendo assim a uma “fuga” ao confronto entre a complexidade da pergunta e a realidade concreta observável.

Quanto às representações do espaço físico e da sua importância na vivência da escola, (G 2), é notória nos dois I.Q. a necessidade de se proceder ao seu melhoramento embora, tal como no grupo anterior, quando confrontados com a agradabilidade e a beleza do espaço, as respostas mudem de uma concepção negativa, para parcialmente negativa, o que nos poderá indicar que é necessário continuar a investir na valorização estética deste mesmo espaço. A mesma necessidade está patente na apreciável estabilidade das respostas V e F entre o primeiro e o segundo I.Q., no que se refere às três outras questões do mesmo Grupo.

No grupo 3, onde se percepção a motivação dos inquiridos na melhoria /valorização do espaço, as respostas apontam, nos dois I.Q., para uma vontade de envolvimento, que aumentou numa percentagem rondando os 10% no segundo I.Q., o que poderá indiciar algum sucesso da intervenção.

Ainda neste grupo, a última questão fornece-nos dados relevantes para o nosso estudo, na medida em que se verificam alterações significativas. Assim, no 2º I.Q. nenhum dos inquiridos assinala como Falsa a resposta, permitindo-nos inferir que a participação dos alunos em projectos de valorização do espaço escolar contribui, na sua opinião, para que os mesmos respeitem e valorizem mais esse espaço.

Da totalidade dos inquiridos, 139 consideraram no primeiro I.Q. que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode contribuir para o embelezamento do espaço escolar e 3 consideraram que não. No segundo I.Q. 137 responderam sim e 5 responderam não.

À questão se os alunos deveriam ter um papel mais activo na valorização do espaço escolar responderam sim 139 e não 3 (1º I.Q.). No segundo, responderam sim 135 e não 7.

Quando questionados porquê as respostas foram as seguintes (gráfico 7):

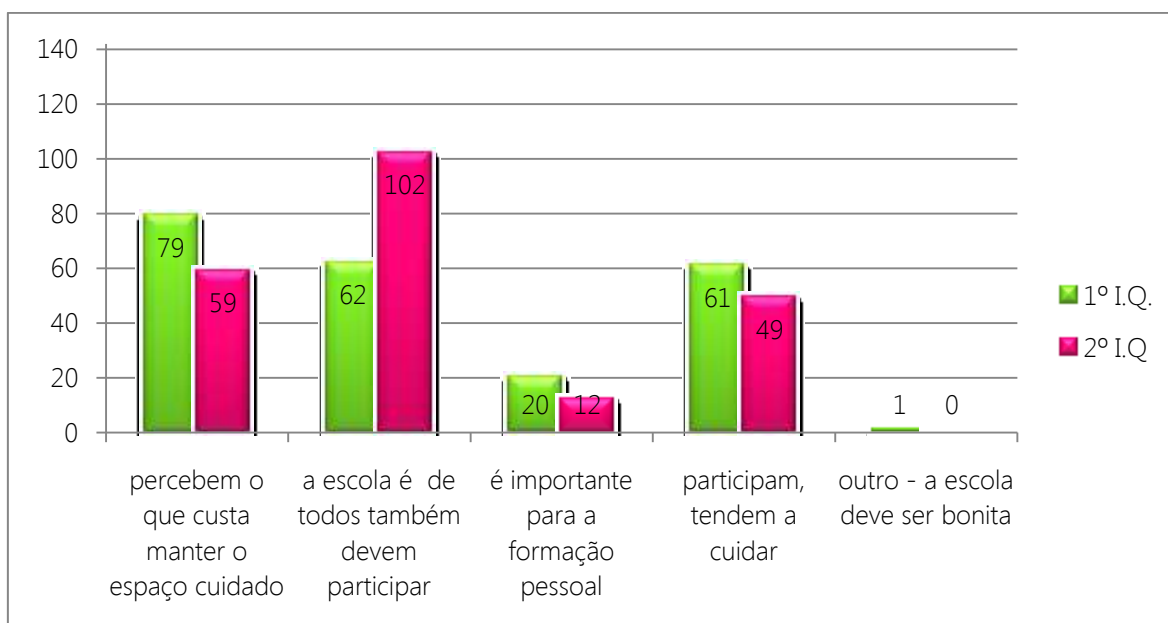


Gráfico 7

Porquê da importância de os alunos terem um papel activo na valorização estética do espaço escolar

Tal como se referiu nos dados recolhidos na turma para esta questão, também estes validam a opinião veiculada pela turma, onde se verifica a importância que é dada à oportunidade que devem ter na participação de um espaço que consideram ser de todos.

O aspecto do átrio do Bloco B, suscitou as seguintes respostas (gráfico 8):

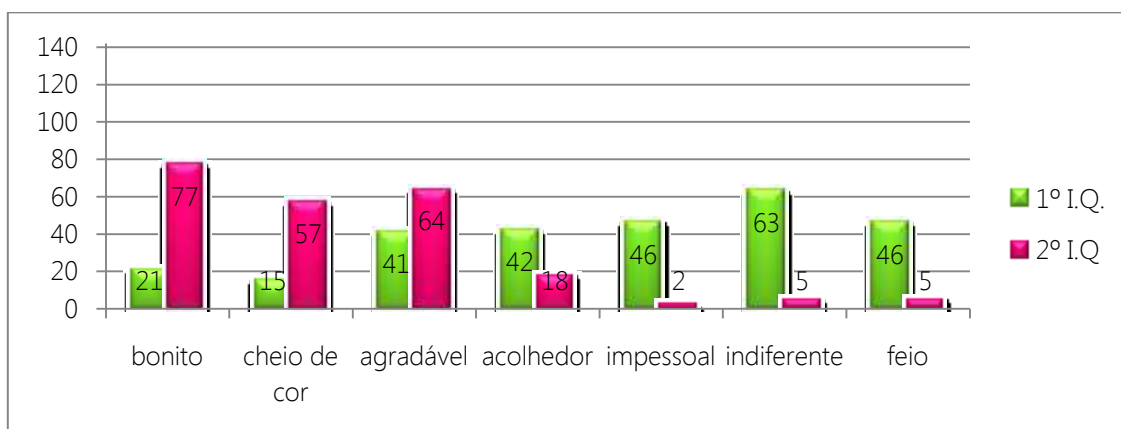


Gráfico 8

Perspectiva face ao bloco b, antes e depois da intervenção

No primeiro inquérito verificou-se que a intervenção de decoração a realizar no bloco B deveria ter como base um projecto criado pelos alunos, pois 134 inquiridos responderam sim e 8 responderam não.

Foram ainda auscultados no primeiro I.Q. sobre como deveria ser essa intervenção, tendo-se apurado os seguintes resultados (gráfico 9).

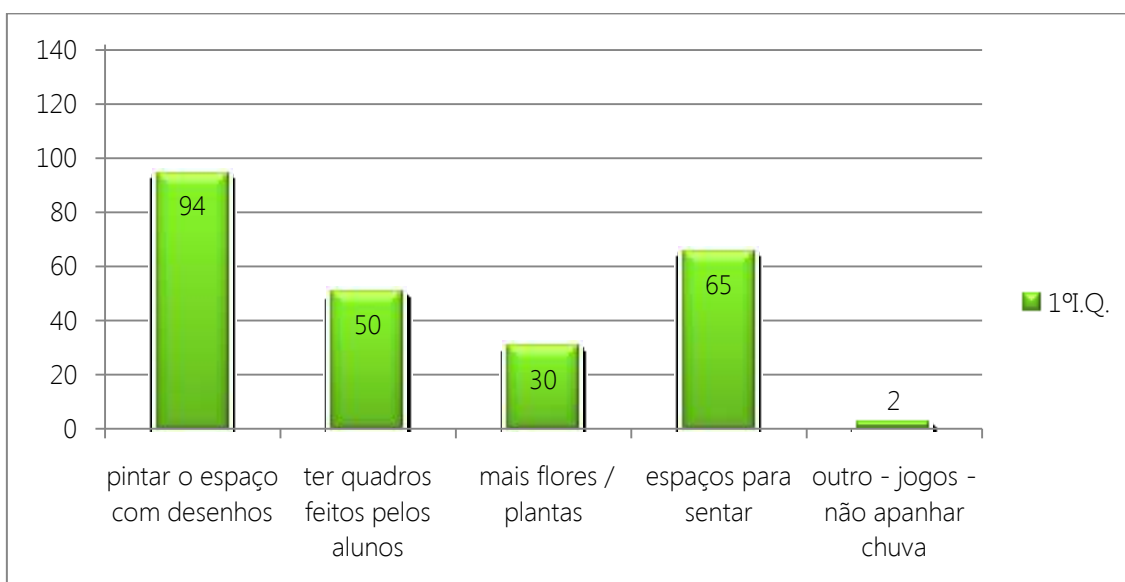


Gráfico 9

Que intervenção fazer no átrio do bloco b

Observação Directa

Conforme enunciamos anteriormente, as 3 fases que se seguem estão directamente relacionadas com a Unidade de Trabalho. Neste contexto analisam-se os dados recolhidos através da observação directa e das fotografias ilustrativas do trabalho desenvolvido. De salientar, que nesta fase, se teve especial atenção para a manutenção do anonimato dos alunos quer nas imagens, quer nos relatos produzidos.

Damos agora conta dos dados recolhidos durante o decorrer do projecto, por nós considerados como pertinentes para este estudo. Como tal, definiram-se as seguintes categorias:

- Trabalho / organização das tarefas nos grupos
- Intervenção no espaço escolar
- Apropriação
- Preservação

Relativamente ao trabalho desenvolvido e às tarefas nos grupos, verificou-se que os alunos planificaram o trabalho de acordo com o calendário por nós estabelecido, e cuja primeira fase consistiu na realização de estudos para o projecto de intervenção no átrio do bloco B. Este processo teve a duração de 6 semanas.

Aferiu-se, nos dados que recolhemos, que o trabalho foi organizado de modo a que todos contribuíssem para a concretização do mesmo.

Verificou-se ter sido benéfico o preenchimento da ficha de planificação de tarefas (apêndice H), resultando que os grupos 1, 3, 4 e 5, conseguiram planear o seu trabalho, constituindo equipas rotativas que implicavam a limpeza do material e do espaço, mas também a pintura.

O grupo 2, na segunda semana, apresentou algumas dificuldades na definição de tarefas como referiu a aluna A.: “Não estamos a conseguir trabalhar em equipa, ao contrário dos outros grupos, pois todas querem fazer tudo ao mesmo tempo e não pode ser. Temos de ser mais civilizadas e não estarmos sempre a amuar, pois todas temos um papel importante

a desempenhar. E parece-me que apesar de tudo e de o grupo não estar a funcionar como devia, estamos a conseguir fazer o trabalho, temos é que trabalhar em equipa.”

Desta reflexão resultou uma análise conjunta sobre a situação vivenciada por este grupo, tendo o aluno X conseguido sintetizar a reacção da turma face ao exposto, sugerindo que na aula seguinte “vissem o que é que faltava fazer e depois definissem o que é que cada um vai fazer, para que possam ajudar-se e não para que fiquem zangadas.”

Na observação que realizámos sobre a intervenção no espaço escolar, verificou-se que os alunos demonstraram capacidade de organização das tarefas, permitindo desta forma que todos pudessem utilizar o espaço. Efectuou-se uma utilização correcta no manuseamento e preparação dos materiais necessários e adequados à intervenção. Utilizaram adequadamente as técnicas de pintura de modo a transporem para o espaço físico, as ideias desenhadas no papel.

Ao nível do resultado obtido, houve uma articulação entre os grupos, na fase de planificação projectada nos esquemas de cor propostos e na ideia de um elemento condutor, que se materializou na frase “Levar uma linha a dar um passeio”.

A preservação foi também uma das categorias que considerámos para as nossas notas de campo. Este conceito pôde ser observado após a conclusão do projecto, já que houve a necessidade de voltar a intervir no bloco B, para se reparar a figura pintada na porta da casa de banho dos rapazes, que consecutivamente foi vandalizada. O grupo que realizou este trabalho, exprimiu o seu desagrado face ao exposto anteriormente, referindo que os colegas “não estão a preservar o que de bem se faz na escola”.

A turma tem, de forma continuada, verificado se continua tudo “arranjado como nós deixámos.”

A categoria seguinte pretendia aferir se a turma se apropriou do espaço intervencionado. Consideramos existirem referências que podem inferir numa resposta positiva, nomeadamente, quando os alunos se referem ao espaço, não como o átrio do bloco B, mas como “o nosso átrio”. Também é disso ilustrativo, o facto de todos, sem excepção, terem participado em todas as fases do projecto, contribuindo com ideias, e participado nas tarefas definidas, permitindo que todos deixassem a sua marca positiva. O aluno D.

sintetizou esta ideia ao referir-se à sua participação neste trabalho, como “fazemos parte da escola, assim parece que é mais nossa.”

Terceira Parte

4º Capítulo

Apresentação e discussão de resultados

Após a análise dos dados pretende-se inferir se os resultados obtidos validam os nossos objectivos de intervenção e de investigação e consequentemente se respondem à nossa questão de partida.

Resultados da intervenção

Iniciamos esta análise evidenciando os resultados da intervenção, uma vez que consideramos que só através deles poderemos apreciar o grau de validação da nossa pergunta de partida.



Imagem 19

Alunos na sala

Tendo como pano de fundo as aulas de Educação Visual e Tecnológica, de uma turma de 6º ano, apresentou-se uma unidade de trabalho que visava a intervenção estética num espaço escolar comum, o átrio de entrada do bloco B. A mesma teve, por parte dos alunos, uma resposta positiva, manifesta nos projectos válidos e exequíveis que desenvolveram e permitindo que as suas ideias se materializasse no decorrer dos trabalhos.



Imagem 20

Figura da casa de banho dos rapazes esborratada

Sendo que os objectivos da intervenção apontavam para o

desenvolvimento, nos alunos, de uma atitude de respeito pelo espaço escolar e pelo trabalho dos colegas, verificou-se uma mudança na forma como estes passaram a perceber esse mesmo espaço e o trabalho desenvolvido pelos colegas. A mudança, entre o antes e o depois da intervenção no espaço, é visível na substituição de uma linguagem de cariz mais negativo, antes da intervenção, para outra mais positiva, depois de a mesma se processar.

Foi também notória a preservação do espaço intervencionado por quase todos os seus utilizadores, assim como a tentativa de recuperar o que, entretanto, estava a ser estragado. Neste último caso, encontra-se a figura que identifica a casa de banho dos rapazes. Esta começou a ser vandalizada, (imagem ao lado), tendo os alunos da turma dado conta desta mesma situação, referindo-se a ela nos seguintes termos: “não respeitam o trabalho que fizemos, nós melhoramos a escola e os nossos colegas estragam.” Este episódio repetiu-se mais cinco vezes e, de todas elas, a recuperação da imagem foi feita com empenho e persistência, apesar da mágoa.

Embora deste acontecimento se possa aferir que ainda existem alunos que não respeitam o trabalho dos colegas, verifica-se que para a maioria esta afirmação não é verdadeira, pois o episódio descrito anteriormente reporta-se apenas a um local específico e não a toda a extensão da intervenção.

De acordo com os resultados obtidos, podemos apontar para que a participação dos alunos na valorização do espaço escolar, seja de forma directa ou indirecta, poderá ser um factor importante para que estes valorizem e respeitem os espaços e os trabalhos dos colegas

Quanto ao terceiro objectivo definido para a intervenção “contribuir para a valorização estética dos espaços escolares”, observou-se que a turma se empenhou na sua concretização, desenvolvendo os projectos, sendo capaz de visualizar o espaço como um todo, e desenvolvendo o sentido crítico evidenciado na forma como discutiam e argumentavam as suas propostas.

Foi notório o cuidado estético com que pretenderam, desde o início, pautar a sua intervenção, traduzindo-se esta na interacção dos grupos, através da definição de elementos comuns, que embora apresentados com concepções diferentes resultaram numa unificação visual de conteúdos como a cor e a linha.

Também, relativamente aos utilizadores, e pelos contactos e dados que fomos obtendo, verificou-se existir satisfação com o resultado do trabalho realizado.



Imagem 21 - Pintura do corredor

Objectivos da Investigação

Os dois objectivos de investigação que nos propusemos alcançar com o desenvolvimento deste projecto estão directamente relacionados com o conceito de apropriação como potenciador da preservação do espaço escolar.

O primeiro está directamente relacionado com o projecto de intervenção realizado com a turma, já que visa *compreender se quando os alunos realizam projectos que os envolvam com o espaço escolar, criam uma relação de apropriação com esses mesmos lugares.*

Embora entendamos ser o conceito de apropriação difícil de transformar em algo mensurável no curto espaço temporal que pautou a nossa investigação, as leituras que realizámos sustentam os dados da observação que nos levam a afirmar que existe, por parte do grupo que deu vida a este projecto, uma apropriação do espaço intervencionado.

Tendo como ponto de partida a ideia já anteriormente referida, de que nos podemos apropriar de um espaço pelo sentido de o melhorar (Rodrigues, 2010: 15), esta ideia torna-se visível, na dinâmica que se desenvolveu em torno do átrio do bloco B por parte dos alunos da turma, através do percurso e do produto final. Foi, contudo, também manifesta na forma como se geraram sentimentos de comunidade, que permitiram que não houvesse constrangimentos ao nível da partilha entre os grupos e que o projecto fosse construído em torno de um objectivo comum a toda a turma, embora com base nos contributos individuais. Deste modo, criou-se uma empatia com o espaço intervencionado e “a vontade para interferir no local e deixar nele a sua “marca pessoal””. (Taveira, 2008: 26).

O segundo objectivo que definimos para a nossa investigação: *Compreender se a relação de apropriação potencia a preservação do espaço intervencionado*, pode também considerar-se positivamente validado. As notas de campo que recolhemos após a intervenção no átrio do bloco B, e posteriormente à figura da casa de banho dos rapazes ter sido esborratada por diversas vezes, como atrás relatámos, leva-nos a acreditar que existiu, por parte da turma, a necessidade de preservar o espaço, e o sentimento de frustração e de desgosto pelo facto de algum(s) colega(s) o estragarem. Destes registos salienta-se a intervenção de um dos alunos da turma quando referiu que “não estão a preservar o que de bem se faz na escola”.

O facto de existir por parte dos alunos um “apego ao lugar” (Riley, 1992, cit. por Vidal *et al*, 2004: 33), levou-os a cuidar do espaço intervencionado e a relacionarem-se emocionalmente com ele, pois o significado que lhe atribuem, após a intervenção, tem maior importância do que a que lhe concediam antes.

Pergunta de partida

Como é que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica pode levar os alunos a intervir no espaço escolar, de modo a que estes se apropriem do mesmo e o preservem? É, agora, possível, tecer algumas considerações relativamente à pergunta que havíamos formulado no início desta investigação e que enformou todo o decurso do projecto. Consideramos que os projectos que se realizam no âmbito da disciplina de Educação Visual e Tecnológica podem influenciar, de forma positiva, a percepção que os alunos têm do espaço, ao mesmo tempo que lhes fornece instrumentos para se tornarem pessoas activas e interventivas no espaço que os rodeiam. Este significado não é dado pelo espaço físico em si mas pela transformação que nele foi operada, através da valorização estética que foi facultada pela disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

Consideramos que este processo permitiu que os alunos da turma através da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, desenvolvessem competências de carácter social, ao criarem um projecto que lhes permitiu materializar as suas ideias, responsabilizando-se por um espaço escolar e operando nele uma transformação.

Verifica-se que o projecto de valorização estética que se operou no átrio do bloco B, criou na turma uma relação de proximidade, e de atribuição de significado com o espaço intervencionado.

Conclusões

O presente estudo assentou numa metodologia de investigação – acção, pelo que as conclusões que agora se apresentam são fundamentalmente caminhos que se apontam, ou seja, estímulos que, estamos em crer, serão orientadores para uma melhoria da nossa prática pedagógica.

Percebemos que os diferentes actores intervenientes na escola apresentam percepções e posturas diferenciadas, consoante a função que desempenham, face às atitudes de apropriação e de preservação dos alunos relativamente ao espaço escolar.

Sendo que uma componente forte deste estudo foi a inquirição aos diferentes actores que utilizavam o espaço onde procedemos à nossa intervenção, estivemos particularmente atentas às opiniões, mais ou menos estruturadas, dos nossos pares professores relativamente à percepção da vantagem de desenvolvermos com os alunos trabalhos que promovam uma maior ligação com o espaço escolar. Foi, assim possível observar, muitas vezes com base em conversas informais, a sua abertura para promover acções que permitam aos alunos criar mecanismos de apropriação e preservação dos espaços escolares. Sabemos, no entanto que, escudados em justificações mais ou menos plausíveis, são parcos na concepção e realização das mesmas, principalmente quando escapam ao controlo dos adultos. A título de exemplo, verificou-se um aumento das exposições de trabalhos dos alunos, sendo estas, na sua maioria, em espaços como a biblioteca escolar, naturalmente vigiados e controlados pelos adultos.

Sentimos, no entanto, da atitude dos nossos colegas, que o trabalho que desenvolvemos foi do seu agrado, tendo mesmo alguns deles informado sobre um concurso de valorização do espaço escolar que, segundo os mesmos, poderia ser um mecanismo para “continuarmos o bom trabalho que estão a fazer na melhoria da nossa escola.” (Docente C)

Por parte das funcionárias que trabalham habitualmente no bloco, para além da colaboração prestada durante a pintura do espaço, têm tido o cuidado de zelar para que este se mantenha em boas condições.

Consideramos assim, que esta intervenção favoreceu o diálogo sobre o espaço escolar e sobre a sua importância na aprendizagem dos nossos alunos, por parte de alguns membros desta comunidade escolar.

Quanto ao impacto nos alunos, e estamos a reportarmo-nos apenas aos utilizadores do espaço, houve desde o início vontade de colaborar, verificando-se não só na disponibilidade com que responderam aos I.Q., mas também na forma como nos abordavam, principalmente durante a pintura do espaço - pois foi este o momento mais visível junto da comunidade educativa - com palavras de agrado e, em alguns casos, manifestando a sua vontade em participar em projectos desta natureza.

Finalizado o projecto, consideramos que o átrio do bloco B se tem mantido preservado, havendo algum cuidado com este espaço. É disso exemplo um aluno que nos entregou o número do cacifo que se descolou, para que pudéssemos voltar a colocá-lo, denotando o cuidado com um espaço que perceberam pertencer-lhes.

No que respeita aos alunos da turma do 6º ano, que concretizaram este projecto, existiu uma clara adesão à Unidade de Trabalho proposta, de valorização estética do átrio do bloco B. É disto testemunho, o entusiasmo com que acolheram a ideia e a maneira organizada e autónoma como a concretizaram. A articulação existente entre os cinco grupos, permitiu que este trabalho se tornasse um projecto consistente para se poder materializar.

Relativamente à forma como este grupo interiorizou a necessidade de se apropriar e preservar o espaço, foi patente o empenho que dedicou à tarefa de o melhorar, mas também a dinâmica que imprimiu à mesma, reflectindo-se isto nas atitudes positivas sempre demonstradas e na preocupação em manter este espaço em boas condições.

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica, abrange, ao nível dos diplomas que a regem, um extenso leque de opções, quer ao nível da educação artística, quer da educação tecnológica, pelos conteúdos que abarca e pelas actividades e técnicas diversificadas com que estes podem ser trabalhados.

O trabalho do qual agora damos conta, é apenas uma das muitas maneiras possíveis de usar técnicas e conteúdos da disciplina, alargando-a para além das paredes da sala de aula.

Esta disciplina poderá funcionar como alavanca para a promoção de um diálogo entre toda a comunidade escolar, sobre o seu espaço físico, perspectivando a criação de espaços onde os alunos possam concretizar os seus projectos e, através deles, deixar a sua “marca positiva” na Escola, permitindo-lhes senti-la como sua, como um espaço de bem-estar, de vivências e de relações.

Este é, no nosso entender, um caminho possível para facultar a apropriação e a preservação do espaço escolar, condição certamente facilitadora de aprendizagens mais significativas, porque assentes numa relação afectiva e dialogante entre o espaço e os seus utilizadores. O nosso contributo, embora limitado num tempo e num espaço, pretendeu “marcar” com sinais coloridos e representativos do diálogo entre os diferentes elementos daquela turma, um modo diferente de relação com o espaço que habitamos. Para os alunos, essa foi uma experiência de construção e de responsabilização colectiva; para a signatária deste Relatório, tratou-se de lidar com uma inquietação que há muito a assolava e que se prendia com a crença de que os alunos podem preservar aquilo que sentem como deles.

Concluída esta etapa, resta continuar a explorar as oportunidades que a docência da disciplina de Educação Visual e Tecnológica lhe permitem na formação de jovens conscientes das suas responsabilidades estéticas e éticas.

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica é um veículo importante para a promoção da valorização estética, da arte como “activadora de experiencias significativas, (...) instrumentos questionadores do mundo e da vida (...) como linguagem para expressar ideias e sentimentos” (Barbosa, 2008: 98).

Bibliografia / Web bibliografia

Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Lisboa: Edições ASA.
- Almeida, J. F. (1990). *A investigação das ciências sociais*. Lisboa: Presença.
- Barata, J. P. (2003). *Preservação e Salvaguarda do Património Escolar Português*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Barracho, C. & Dias, M.J.D. (2010). *O Espaço e o Homem - perspectivas multidisciplinares*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e de educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa, A-L*. (1992). Lisboa: Selecções do Reader's Digest- Salvat Editores.
- Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa, M-Z*. (1992). Lisboa: Selecções do Reader's Digest, Salvat Editores.
- Esteves, I. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação - Acção*. Porto: Porto Editora.
- Muga, H. (2005). *Psicologia da Arquitectura*. Lisboa: Gailivro.
- Nabais, A. J. (1995). *Foral de Alcochete e Aldeia Galega (Montijo)*. Alcochete: Câmara Municipal de Alcochete e Câmara Municipal do Montijo.
- Pinheiro, M., & Simões, F. &. (2003). *Valorização estética dos espaços educativos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Quivy, R. (1992). *Manual de Investigação em Ciências da Educação*. Lisboa: Gradiva.

Web bibliografia

Barbosa, A.M. (2008). *Arte / Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Coleção Arte e Educação. Editora Unespa. Consultado em 12 de Dezembro de 2010, de http://books.google.pt/books?id=vE-JKyNSi4oC&printsec=frontcover&dq=arte+/%20educa%C3%A7%C3%A3o+como+media%C3%A7%C3%A3o+cultural+e+social&hl=pt-PT&ei=r3y6TfeIJ4SChQf-rajDBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDgQ6AEwAA#v=onepage&q=arte%20%2F%20educa%C3%A7%C3%A3o%20como%20media%C3%A7%C3%A3o%20cultural%20e%20social&f=false

Escallier, C. (Fevereiro de 2010). *Christine Escallier*. Obtido em 4 de Agosto de 2010, de

Arquitectura escolar e Identidade: O espaço pedagógico como instrumento de aprendizagem: http://www3.uma.pt/blogs/christineescallier/?page_id=9

Fernandes, A. M. (2006). *Projecto Ser Mais: Educação para a Sexualidade*. Obtido em 05 de Julho de 2010, de http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/_vti_cnf/TESE_Armenio_web/

Filho, F. A. (junho de 1991). *Trabalho: a expressão fundante da humanização*. (http://download.tales.com.br/marxismo/Marxismo/Francisco%20A.%20de%20Andrade%20Filho%20-%20Trabalho%20-%20A%20express%C3%A3o%20fundante%20da%20humaniza%C3%A7%C3%A3o.PDF, Editor) Obtido em 21 de Janeiro de 2011, de Revista Symposium: <http://download.tales.com.br/marxismo/Marxismo/Francisco%20A.%20de%20Andrade%20Filho%20-%20Trabalho%20-%20A%20express%C3%A3o%20fundante%20da%20humaniza%C3%A7%C3%A3o.PDF>

I, A. E.-R. (2009/2010). *Agrupamento Vertical de Escolas de Alcochete*. Obtido em 31 de Março de 2010, de [avealcochete: http://www.avealcochete.pt/agrupamento.php](http://www.avealcochete.pt/agrupamento.php)

Marques, J., & Sarment, T. (2007). *Investigação-Ação e construção da cidadania*. Obtido em 09 de Julho de 2010, de Revista Lusófona de Educação: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-72502007000100006&script=sci_abstract&tlng=en.

Marques, R. (s.d.). *A Pedagogia de Jerome Bruner*. Obtido em 26 de Janeiro de 2011, de <http://www.scribd.com/doc/2526504/A-Pedagogia-de-Jerome-Bruner>

Marques, R. (s.d.). *A Pedagogia de Jerome Bruner*. Obtido em 26 de Janeiro de 2011, de <http://www.scribd.com/doc/2526504/A-Pedagogia-de-Jerome-Bruner>

Ministério da Educação. (1991). *Programa de Educação Visual e Tecnológica –Plano de organização do ensino-aprendizagem* (volume I) – Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa. Consultado em 22 de Novembro de 2010, http://www.apevt.pt/pdf/Programa_de_EVT_vol_1.pdf

Ministério da Educação. (1991). *Programa de Educação Visual e Tecnológica –Plano de organização do ensino-aprendizagem* (volume I) – Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa. Consultado em 22 de Novembro de 2010, http://www.apevt.pt/pdf/Programa_de_EVT_vol_1.pdf

Ministério da Educação. (1991). *Programa de Educação Visual e Tecnológica –Plano de organização do ensino-aprendizagem* (volume II) – Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa. Consultado em 22 de Novembro de 2010, http://www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/160/programa_E_Visual_Tec_2Ciclo02.pdf

Pires, D. C. (2008). *Arte na Escola - Um espaço de Inclusão*. Aveiro: Universidade de Aveiro - Departamento de Comunicação e Arte. Consultado em 5 de Junho de 2010, <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2008001621>

Raimundo, H. F. (Setembro de 2006). *Como Fazer análise Documental*. Consultado em 24 de Junho de 2010, de 565 Socializar por aí: <http://educaeic.blogspot.com/2006/10/como-fazer-anlise-documental.html>

Reis, R. (2007). *Arte publica como recurso educativo - contributos para a abordagem pedagógica de obras de arte públicas*. Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes. Consultado em 23 de Janeiro de 2011, <http://hdl.handle.net/10451/627>

Ribeiro, S. L. (2004). *Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo*. Consultado em 24 de Julho de 2010, de www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf

Rosai, E. H.& Galera, J. B. (s.d.). *A gestão do espaço físico escolar: Um desafio social*. Consultado em 15 de Fevereiro de 2011, de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1699-8.pdf>

Santos, A. (s.d.). *A mudança organizacional*. Consultado em 21 de Janeiro de 2010, de <http://www.slideshare.net/anamsantos74/so-parte-v-a-mudana-organizacional>

Silva, M. C., & Simó, C. H. (s.d.). *Objetos pedagógicos/atividades lúdicas para compreensão da arte e para a inclusão sócio-cultural*. Consultado em 30 de Dezembro de 2010, de http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/cristiane-mariacristina.pdf

Taveira, F.G. (2008). *Práticas sócio – ambientais no espaço escolar: uma reflexão sobre a percepção dos usuários de duas escolas do ensino fundamental em João Pessoa, Paraíba*. Consultado em 21 de Janeiro de 2010, de <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/FlaviaGT.pdf>

Apêndices

Carta à Directora
(apêndice A)

Ex.^a Directora

Do Agrupamento de Escolas de Alcochete

Eu, Adelaide Maria Jacinto Alves, professora do quadro de escola deste agrupamento, no grupo 240 (Educação Visual e Tecnológica), venho por este meio informar V. Ex.^a de que no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Setúbal, vou desenvolver um projecto de Investigação - Acção no contexto sala de aula, com a turma do 2º Ciclo, 6ºJ.

Esta investigação irá decorrer durante o 1º Período do presente ano lectivo e aborda o comportamento dos alunos face ao espaço escolar, tendo em conta a sua participação na renovação do mesmo.

Sem outro assunto, os meus sinceros cumprimentos.

Alcochete, 21 de Setembro de 2010



(Adelaide Maria Jacinto Alves)

Terceira intervenção
Adelaide Maria
22/9/2010

Autorizado
Câmara Municipal
2ºº Agrupamento
de Educação
Ciclo 1º e 2ºº
Centro Regional
Alcochete

Planificação

Planificação da Unidade de Trabalho: “Escola, um espaço a valorizar”

Metas do agrupamento:

1 - Melhoria do ambiente escolar, reduzindo significativamente as referências da indisciplina, em contexto de sala de aula e de escola.

Competências gerais operacionalizadas transversalmente:

3 – Usar correctamente a Língua Portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;

5 – Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados;

6- Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;

1º Etapa

Competências Específicas	Conteúdos	Actividade /Estratégia	Recursos	Avaliação	Duração
<ul style="list-style-type: none"> ● Reconhecer a importância do espaço escolar ● Intervir nas reflexões da aula 	<ul style="list-style-type: none"> ● Espaço escolar 	<ul style="list-style-type: none"> ● Preenchimento de um inquérito. ● Apresentação / explicitação do projecto que se irá desenvolver, cujo tema se prende com a valorização estética do átrio do bloco B. ● Debate com os alunos sobre a actividade a desenvolver, de modo a valorizar o espaço a ser intervencionado 	<ul style="list-style-type: none"> ● Papel / Inquéritos ● Lápis ou caneta 	<ul style="list-style-type: none"> ● Identifica espaços na escola que precisam ser melhorados ● Dá sugestões válidas para melhorar esse espaço ● Intervém de forma organizada 	<ul style="list-style-type: none"> ● 90 Minutos

2ª Etapa

Competências Específicas	Conteúdos	Actividade /Estratégia	Recursos	Avaliação	Duração
<ul style="list-style-type: none"> ● Utilizar o desenho como forma de expressão visual ● Utilizar a simbologia visual com intenção funcional. ● Reconhecer as proporções e noções de antropometria na representação da figura humana. ● Manifestar a sua opinião e escolha, tendo em conta critérios que conduzam a uma solução de qualidade técnica / expressiva ● Utilizar elementos definidores da forma – linha, volume, luz/cor – nas experimentações plásticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenho ● Comunicação visual <ul style="list-style-type: none"> ■ Códigos visuais ● Espaço <ul style="list-style-type: none"> ■ Organização do espaço ■ Representação do espaço ● Luz / cor <ul style="list-style-type: none"> ■ Natureza da cor ■ A cor no envolvimento ● Pintura ● Trabalho <ul style="list-style-type: none"> ■ Relação técnica/materiais ■ Produção e organização <p>Higiene e segurança</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Organização dos grupos de trabalho ● Discussão nos grupos sobre as ideias a desenvolver ● Realização de esboços para os espaços a serem intervencionados ● Articulação dos esboços entre os grupos ● Preparação dos materiais para a intervenção no espaço ● Pintura do espaço 	<ul style="list-style-type: none"> ● Papeis ● Lápis ● Borracha ● Marcadores ● Lápis de cera ● Tintas ● Pincéis ● Trinchas ● Papel autocolante transparente 	<ul style="list-style-type: none"> ● Emite opiniões válidas para o desenvolvimento do projecto ● Realiza esboços ● Exprime através do desenho a sua ideia ● Utiliza a cor para se expressar ● Sugere opções para resolver os problemas diagnosticados ● Articula o seu projecto com o do grupo anterior e posterior ● Utiliza correctamente os materiais e as técnicas ● Mantém comportamentos adequados 	<ul style="list-style-type: none"> ● 20 Blocos de 90 minutos

3ª Etapa

Competências específicas	Conteúdos	Actividade /Estratégia	Recursos	Avaliação	Duração
<ul style="list-style-type: none"> ● Reflectir sobre os processos de trabalho e intervenção 	<ul style="list-style-type: none"> ● Espaço escolar 	<ul style="list-style-type: none"> ● Preenchimento do segundo inquérito por questionário ● Reflexão conjunta sobre o trabalho desenvolvido, tendo em conta aspectos de aprendizagem ao nível da disciplina de EVT e de aprendizagem ao nível da formação pessoal 	<p>Inquéritos Lápis / caneta</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Faz reflexões sobre o trabalho ● Mantém atitudes de preservação do espaço 	<ul style="list-style-type: none"> ● 1 Bloco de 90 minutos

Grelha de Avaliação

Inquérito por Questionário

Autorizações dos Encarregados de Educação - Utilizadores

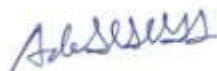
(apêndice B)

E.B. 2,3 El-Rei D. Manuel I - Alcochete

Eu, Adelaide Maria Jacinto Alves, Professora de Educação Visual e Tecnológica nesta escola, venho informar que me encontro a frequentar o 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Setúbal. Irei desenvolver um projecto cuja problemática tem como objectivo perceber se quando os alunos participam na requalificação do espaço escolar tendem a apropriar-se desse espaço e a preservá-lo.

Solicito assim autorização para realizar dois inquéritos ao seu educando, sobre o assunto acima mencionado. Estes inquéritos serão anónimos.

A professora



.....

Eu, Encarregado de Educação do aluno _____, nº _____, turma _____, ano _____ Autorizo/Não autorizo (riscar o que não interessa) o meu educando a realizar os inquéritos.

(Assinatura)

Autorizações dos Encarregados de Educação - Turma

(apêndice C)

E.B. 2,3 El-Rei D. Manuel I - Alcochete

Eu, Adelaide Maria Jacinto Alves, Professora de Educação Visual e Tecnológica nesta escola, venho informar que me encontro a frequentar o 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Setúbal. Irei desenvolver um projecto com a turma J, do 6º ano, cuja problemática tem como objectivo perceber se quando os alunos participam na requalificação do espaço escolar tendem a apropriar-se desse espaço e a preservá-lo.

Solicito assim autorização para realizar dois inquéritos ao seu educando, sobre o assunto acima mencionado. Estes inquéritos serão anónimos.

Solicito ainda, autorização para filmar / fotografar durante o processo de aula, todas as imagens serão posteriormente trabalhadas de modo a garantir o anonimato dos alunos.

A professora



.....
Eu, Encarregado de Educação do aluno _____, nº _____, turma _____, ano _____

Inquérito por questionário

Autorizo

Não Autorizo

Fotografias/filme

Autorizo

Não Autorizo

(Assinatura)

Turma

1º Inquérito por Questionário

(apêndice D)

Inquérito por Questionário à turma J do 6º ano

Este inquérito por questionário insere-se no Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação de Setúbal. Pretende-se recolher informação para compreender se Através da disciplina de EVT os alunos podem contribuir para a valorização estética dos espaços comuns da escola? Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. A tua opinião é muito importante.

Secção I

Características pessoais do inquirido:

1. Sexo F M Idade

Secção II

Espaço escolar:

2. Como consideras as atitudes dos alunos, de um modo geral, face ao arranjo dos espaços escolares (assinala até 3 respostas)

- Quanto mais cuidados os espaços estão, mais nós gostamos de os preservar
- Alguns de nós destroem e sujam os espaços, não respeitando as regras.
- Gostamos de embelezar os espaços, realizando trabalhos para expor na escola.
- Quanto mais danificado está o espaço, mais tendemos a não cuidar dele.
- Gostamos de ver as paredes pintadas e os espaços renovados.
- Gostamos de participar na renovação do espaço escolar.

3. Consideras importante a participação e a opinião dos alunos na decoração e remodelação dos espaços públicos da escola (por exemplo do átrio do bloco B)

Sim Não

- 3.1. Se respondeste sim, justifica (assinala 2 respostas por ordem de preferência)
- Porque assim percebemos o que custa manter um espaço em boas condições.
 - Porque a escola é um espaço de todos e, como tal, nós também devemos participar no seu embelezamento.
 - Porque isso é importante para a nossa formação pessoal.
 - Porque ao participarmos, tendemos a cuidar melhor desse espaço.
 - Outro _____
4. Na tua opinião, através da disciplina de Educação Visual e Tecnológica poderias contribuir para o embelezamento dos espaços escolares.
- Sim Não
5. Gostarias de participar num projecto de decoração e valorização estética do átrio do bloco B.
- Sim Não
6. Como consideras o átrio do bloco B. (assinala até 3 respostas)
- Bonito
 - Cheio de cor
 - Agradável
 - Acolhedor
 - Impessoal
 - Indiferente
 - Feio
7. O que farias para o mudar? (assinala 2 respostas, por ordem de preferência)
- Pintar o espaço com desenhos
 - Ter quadros feitos pelos alunos
 - Ter mais flores / plantas
 - Ter espaços para sentar
 - Outro _____

Obrigada pela tua colaboração.
Ano Lectivo 2010 /2011

Turma
2º Inquérito por Questionário
(apêndice E)

Inquérito por Questionário à turma J do 6º ano

Este inquérito por questionário insere-se no Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação de Setúbal. Pretende-se recolher informação para compreender se Através da disciplina de EVT os alunos podem contribuir para a valorização estética dos espaços comuns da escola? Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. A tua opinião é muito importante.

Secção I

Características pessoais do inquirido:

1. Sexo F M Idade

Secção II

Espaço escolar:

2. Como consideras as atitudes dos alunos, de um modo geral, face ao arranjo dos espaços escolares (assinala até 3 respostas)
- Quanto mais cuidados os espaços estão, mais nós gostamos de os preservar
 - Alguns de nós destroem e sujam os espaços, não respeitando as regras.
 - Gostamos de embelezar os espaços, realizando trabalhos para expor na escola.
 - Quanto mais danificado está o espaço, mais tendemos a não cuidar dele.
 - Gostamos de ver as paredes pintadas e os espaços renovados.
 - Gostamos de participar na renovação do espaço escolar.

3. Consideras que foi importante a participação e a opinião dos alunos na decoração e remodelação do átrio do bloco B

Sim Não

3.1. Se respondeste sim, justifica (assinala 2 respostas por ordem de preferência)

- Porque assim percebemos o que custa manter um espaço em boas condições.
- Porque a escola é um espaço de todos e, como tal, nós também devemos participar no seu embelezamento.
- Porque isso é importante para a nossa formação pessoal.
- Porque ao participarmos, tendemos a cuidar desse espaço.
- Outro _____

4. Na sua opinião a disciplina de EVT através do projecto desenvolvido no átrio do bloco B, com os alunos, contribuiu para o embelezamento do espaço escolar?

Sim Não

4.1. Justifique a sua escolha com 2 opções

O átrio ficou:

- Bonito
- Impessoal
- Acolhedor
- Desagradável
- Cheio de cor
- Agradável
- Feio
- Indiferente

5. Para ti foi importante participar neste projecto?

5.1. Sim Não

Porque _____

Obrigada pela tua colaboração.
Ano Lectivo 2010/2011

Utilizadores
1º Inquérito por Questionário
(apêndice F)

Inquérito por Questionário

Este inquérito por questionário insere-se no Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação de Setúbal.

Pretende-se recolher informação para compreender se *Através da disciplina de EVT os alunos podem contribuir para a valorização estética dos espaços comuns da escola?*

Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais.

A sua opinião é muito importante.

Obrigada pela sua colaboração.

Secção I

Características pessoais e profissionais do inquirido

1. Sexo F M

2. Idade

3. Aluno(a) 2ºciclo 3ºciclo

Professor(a) Disciplina (s) que lecciona _____

Funcionário (Assistente Operacional)

Secção II

Espaço Escolar

4. Como considera as seguintes frases (assinale como uma X a sua resposta):

	Verdadeira	Parcialmente verdadeira	Falsa
De um modo geral, os alunos preservam o espaço escolar			
Quanto mais danificado está o espaço escolar, mais os alunos tendem a não cuidar dele.			
A nossa escola é um espaço bonito e agradável.			
A nossa escola precisa de espaços mais humanizados.			
A nossa escola precisa de ter mais elementos estéticos criados pelos alunos.			
O espaço físico é determinante no ambiente que se vive na escola.			
Gostaria de participar no embelezamento dos espaços escolares.			
Os alunos gostam de ser envolvidos em projectos de embelezamento dos espaços escolares.			
Quando os alunos são chamados a participar no embelezamento do espaço escolar, valorizam e respeitam mais esse mesmo espaço.			

5. Na sua opinião a disciplina de Educação Visual e Tecnológica poderá contribuir para o embelezamento dos espaços escolares?

Sim Não

6. Pensa que os alunos deveriam ter um papel mais activo na valorização estética dos espaços comuns da escola?

Sim Não

- 6.1. Se respondeu sim, justifique (assinale 2 respostas por ordem de preferência)

- Porque assim os alunos percebem o que custa manter um espaço em boas condições.
- A escola é um espaço de todos e como tal, os alunos também devem participar no seu embelezamento.
- É importante para a sua formação pessoal.
- Ao participarem, tendem a cuidar desse espaço.
- Outro _____

7. Como considera o átrio de entrada do bloco B? (assinale até 3 respostas)

- Bonito
- Cheio de cor
- Agradável
- Acolhedor
- Impessoal
- Indiferente
- Feio

8. Considera que a intervenção de decoração do bloco B deverá ser feita com base num projecto dos alunos?

Sim Não

9. Na sua opinião o que poderá ser feito para o tornar mais agradável? (assinale até 2 respostas por ordem de preferência)

- Pintar o espaço com desenhos.
- Ter quadros feitos pelos alunos.
- Ter mais flores / plantas.
- Ter espaços para sentar.
- Outro _____

Obrigada pela sua colaboração.

Ano Lectivo 2010/2011

Utilizadores
2º Inquérito por Questionário
(apêndice G)

Inquérito por Questionário

Este inquérito por questionário insere-se no Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Educação de Setúbal.

Pretende-se recolher informação para compreender se *Através da disciplina de EVT os alunos podem contribuir para a valorização estética dos espaços comuns da escola?*

Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais.

A sua opinião é muito importante.

Obrigada pela sua colaboração.

Secção I

Características pessoais e profissionais do inquirido

1º. Sexo F M

2º. Idade

3º. Aluno(a) 2ºciclo 3ºciclo

Professor(a) Disciplina (s) que lecciona _____

Funcionário (Assistente Operacional)

Secção II

Espaço Escolar

4.º. Como considera as seguintes frases (assinale como uma X a sua resposta):

	Verdadeira	Parcialmente verdadeira	Falsa
De um modo geral, os alunos preservam o espaço escolar			
Quanto mais danificado está o espaço escolar, mais os alunos tendem a não cuidar dele.			
A nossa escola é um espaço bonito e agradável.			
A nossa escola precisa de espaços mais humanizados.			
A nossa escola precisa de ter mais elementos estéticos criados pelos alunos.			
O espaço físico é determinante no ambiente que se vive na escola.			
Gostaria de participar no embelezamento dos espaços escolares.			
Os alunos gostam de ser envolvidos em projectos de embelezamento dos espaços escolares.			
Quando os alunos são chamados a participar no embelezamento do espaço escolar, valorizam e respeitam mais esse mesmo espaço.			

5º. Na sua opinião os alunos, através da disciplina de Educação Visual e Tecnológica contribuíram para o embelezamento dos espaços escolares, ao intervir no átrio do bloco B?

Sim Não

5.1. Justifique a sua escolha com 2 opções

O átrio ficou:

- Bonito
- Impessoal
- Cheio de cores
- Desagradável
- Acolhedor
- Feio
- Indiferente
- Agradável

6º. Pensa que foi importante o papel activo que os alunos tiveram na intervenção estética do átrio do bloco B?

Sim Não

6.1. Se respondeu sim, justifique (assinale 2 respostas por ordem de preferência)

- Porque assim os alunos percebem o que custa manter um espaço em boas condições.
- A escola é um espaço de todos e como tal, os alunos também devem participar no seu embelezamento.
- É importante para a sua formação pessoal.
- Ao participarem, tendem a cuidar desse espaço.
- Outro _____

Obrigada pela sua colaboração.
Ano Lectivo 2010/2011

Ficha de organização de tarefas

Turma

(apêndice H)

Escola E. B. 2,3 El-Rei D. Manuel I

Grupo: _____

Data	tarefa	Nome	observações

Grelhas de Reflexão

Turma

(apêndice I)

3 de Novembro de 2010	Hoje os alunos realizaram o inquérito por questionário, perguntaram para que era. Foi-lhes dito que era para um trabalho que estava a fazer no meu mestrado.
8 e 10 de Novembro de 2010	<p>Na primeira aula da semana, foi apresentada a nova unidade de trabalho, a que chamámos "Escola – um espaço a encontrar" e onde se explicou que a mesma irá consistir numa intervenção no átrio do bloco B. Esta ideia provocou grande entusiasmo, logo todos quiseram opinar contribuindo com ideias sobre o que fazer e como fazer. A aluna B. referiu que "A escola já é muito antiga, já está velha e se nós a podermos pôr mais bonita, com certeza que nos sentimos cá melhor, se nós valorizarmos o espaço e o tornarmos mais acolhedor, também nos sentimos melhor.", esta opinião foi amplamente aceite pela turma pois todos consideram que a escola, embora esteja pintada no exterior, precisa de arranjos no interior, tendo sido a propósito ainda acrescentado pela aluna A.F. que, "É importante valorizar o aspecto físico da escola e torná-lo mais agradável, afinal nós passamos aqui todos os dias da semana e esta é como se fosse também a nossa casa."</p> <p>Foi então sugerido pelas professoras que seria importante ouvirem os dados que foram recolhidos através dos inquéritos por questionário que eles e outro grupo, composto por alunos, professores, funcionários e pela directora haviam respondido, e cujos dados são importantes para que possamos dar início ao nosso projecto.</p> <p>Esta aula terminou com a apresentação dos dados à turma. A segunda aula desta semana foi dedicada à organização do trabalho, à discussão de ideias e à constituição dos grupos de trabalho, daqui pode destacar-se a forma organizada como os alunos trabalharam.</p>
15 e 17 de Novembro de 2010	<p>No início da semana pode verificar-se que entre a última aula e a primeira desta semana houve por parte dos alunos muita discussão de ideias, pois existem já nos grupos de trabalho, ideias bem definidas do trabalho que gostariam de desenvolver.</p> <p>A semana decorreu com um ritmo de trabalho acelerado, nota-se por parte dos alunos um grande entusiasmo.</p>
22 e 24 de Novembro de 2010	Os grupos têm apresentado uma grande autonomia de trabalho, apenas pontualmente é necessária a intervenção directa das professoras. Estamos agora na fase de começar a dar cor aos projectos e então decidiu-se que seria oportuno falar deste assunto, de modo a que os projectos tenham uma harmonia de conjunto. O grupo dois referiu que como o tema do seu projecto é A Floresta, gostariam de pintar a parede que estão a trabalhar, de verde, o grupo do corredor, disse que gostariam de usar o magenta, e o

	<p>grupo da parede dos cacifos que teria de usar o laranja para os telhados, foi então decidido que estas 3 cores seriam as cores base dos projectos, podendo no entanto outras serem incorporadas, consoante as necessidades.</p> <p>Foi ainda nesta semana que apareceu a frase "Levar uma linha a dar um passeio", esta frase surgiu do facto de uma das alunas da turma ter uma t-shirt com esta frase e que o grupo da floresta decidiu englobar no seu projecto.</p> <p>Surgiu na última aula desta semana a ideia de a frase poder ser o elemento de ligação que atravessa todos os trabalhos.</p>
29 de Novembro de 2010	<p>Esta semana trabalharam-se os projectos em termos de cor, tendo como base o que tinha ficado decidido e foram ainda feitos ajustes no sentido de haver continuidade entre todas as ideias desenvolvidas.</p>
6 de Dezembro de 2010	<p>Durante esta semana trabalharam os projectos em papel vegetal, em tamanho natural.</p> <p>Deve salientar-se desta primeira fase do projecto, o organização com que os alunos desenvolveram os seus trabalhos, a maneira metódica como trabalharam em grupo.</p>
13 de Dezembro de 2010	<p>Na aula de hoje foi feita a auto e hetero- avaliação numa ficha disponibilizada pela escola. A M. referiu que "estava desejosa de começar a pintar as paredes e ver no átrio o trabalho que fizeram no papel".</p>
3 e 5 de Janeiro de 2011	<p>Nesta semana, na primeira aula definiu-se a organização do trabalho, as tarefas que são necessárias desenvolver para que se concretize o projecto. Assim, foi distribuído a cada grupo uma grelha que os alunos deverão preencher de modo a facilitar a definição das tarefas.(Apêndice H)</p> <p>A segunda aula foi inteiramente dedicada ao desenvolvimento do projecto no átrio do bloco B, iniciando-se as pinturas</p>
10 e 12 de Janeiro de 2011	<p>As aulas desta semana foram como a anterior dedicadas à pintura do átrio do bloco B de acordo com os projectos desenvolvidos pelos grupos.</p> <p>No final da segunda aula foi feita uma reflexão conjunta onde cada grupo, ponderou o trabalho feito tendo em conta aspectos técnicos e aspectos inerentes ao funcionamento dos grupos, neste último aspecto, considerando a divisão de tarefas, a execução das mesmas e a partilha entre os elementos do grupo em termos de organização e de entreajuda.</p> <p>Assim, os grupos que realizam as pintura das portas das casas de banho, dos cacifos, da parede do relógio e do corredor, consideraram que o seu trabalho tem sido muito positivo, têm conseguido manter o ritmo que se propuseram, estando a cumprir a planificação, falaram ainda sobre o facto de sentirem que este trabalho está a ser muito</p>

	<p>importante para eles, pois sentem que fazem parte da escola e que podem fazer a diferença," se intervirem, se se dispuserem a melhorar o aspecto da escola."</p> <p>No grupo da parede da árvore, a aluna A referiu que "não estamos a conseguir trabalhar em equipa, ao contrário dos outros grupos, pois todas querem fazer tudo ao mesmo tempo e não pode ser. Têm que ser mais civilizadas e não estarem sempre a amuar, pois todas têm um papel importante a desempenhar. E parece-me que apesar de tudo e de o grupo não estar a funcionar como devia estamos a conseguir fazer o trabalho, temos é que trabalhar em equipa."</p> <p>Sobre esta reflexão foi o restante grupo convidado a pronunciar-se, tendo todas as alunas concordado com o proferido pela colega.</p> <p>Foi então sugerido pelos outros grupos de trabalho que na próxima aula, antes de irem para o espaço, "vissem o que é que falta fazer e depois definissem o que é que cada uma vai fazer, para que possam ajudar-se e não para que fiquem zangadas." Palavras do aluno X</p>
17 e 19 de Janeiro de 2011	<p>Esta semana a turma está a trabalhar de forma organizada, sabendo os alunos o que têm de fazer e conseguindo propor alterações pontuais de modo a resolverem pequenos problemas ao nível da execução que possam ir surgindo, como aconteceu com o grupo dos cacifos que tendo planeado a pintura dos mesmos verificou-se que esta não estava a resultar, porque a tinta amarela não aderiu como se previa nas portas dos cacifos, então alteraram todo o projecto de forma a conseguirem com os recursos que existem executar o seu trabalho.</p> <p>Quanto ao grupo da aluna A, que na semana passada tinham tido dificuldade na organização e à sua perspectiva sobre a organização do grupo de trabalho, considero que este trabalho as tem feito reflectir sobre o que é trabalhar em grupo e em fazer cedências, pois nem sempre quando se trabalha em grupo, se concretizam as nossas ideias e este parece ter sido o principal problema.</p> <p>Ao longo destas últimas semanas e à medida que o projecto vai ganhando forma, tem-se verificado um crescendo no orgulho e no entusiasmo com que os alunos se entregam ao trabalho, e começam a ouvir-se palavras como: "professora está mesmo a ficar giro!", "Deixa ver como ficou?", "o nosso trabalho está um espectáculo!"; "Professora hoje uns do 9º ano vieram-nos dizer que para miúdos estamos a fazer um bom trabalho.", "A professora de História, disse que o nosso trabalho está a ficar muito bonito." Neste final de semana, à saída da aula o D. veio ter</p>

	<p>conosco e desse-nos “sabem professoras é muito bom fazermos um bom trabalho e ele ser reconhecido, mas mais ainda é podermos fazer parte da escola, assim parece que é mais nossa e assim, quando me for embora daqui a uns dias para a outra escola, sei que vou ficar aqui um bocadinho porque vou deixar aqui a minha marca, vou deixar aqui um bom trabalho que todos vão poder apreciar.”</p>
24 e 26 de Janeiro de 2011	<p>Nesta semana fizeram-se os acabamentos e deram-se os últimos retoques. É notório o orgulho com que falam no projecto “está tão bonito o nosso trabalho, professora, até apetece ficar aqui em vez de entrar para a sala.” E ainda o comentário do A.P. referindo que “até parece que foi só ideia de uma pessoa, está todo junto, ou seja, parece só um, percebe?”</p>
31 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 2011	<p>No dia dois de Fevereiro foi aplicado o segundo inquérito por questionário e deu-se por concluído o projecto</p>
Após a intervenção	<p>Hoje (9 de Fevereiro), os alunos entraram na sala em grande alvoroço.</p> <p>O grupo que teve a seu cargo a pintura das portas das casas de banho vinham desolados, o seu trabalho tinha sido “vandalizado”.</p> <p>A boca da figura que foi desenhada na porta da casa de banho dos rapazes tinha a boca esborratada, e isso deixou-os muito zangados, os colegas “não estão a preservar o que de bem se faz na escola”, referiu P.</p> <p>Este relato foi muito sentido, os alunos estavam indignados com o sucedido e sentiram-se defraudados por “não respeitarem o trabalho que fizemos, nós melhoramos a escola, tornámo-la mais bonita e os nossos colegas estragam.”</p> <p>Após este relato, os alunos foram arranjar o que havia sido vandalizado.</p> <p>Nas 3 semanas seguintes tem sucedido o mesmo, o boneco da porta da casa de banho tem sido vandalizado, pelo que os alunos têm-no reparado sempre.</p> <p>Na última semana este facto já não sucedeu.</p> <p>Tem-se verificado que os alunos cuidam do espaço e querem preservar a trabalho que realizaram no bloco, pois como referiu a M. “temos que ver se está tudo arranjado, como nós deixámos”.</p>